

SIMPLESMENTE Poliana

Uma História de Fé, Amor e Esperança



**Com trechos do
Diário de Poliana**

Charles Nunes

Simplesmente Poliana®

SIMPLESMENTE POLIANA

Uma História de Fé, Amor e Esperança

3ª Edição

Angra dos Reis, RJ – Brasil

Edição do autor

2020

Charles Nunes

Copyright ©2011-2020 by Charles Nunes

ISBN 978-85-5697-199-9

Arte da capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Charles Nunes

Foto da capa: Poliana Pereira Nunes, na Praia do Coqueiro (Mambucaba, Angra dos Reis, RJ), em julho de 2010. Foto tirada pela mãe.

Revisão: Suzana Nunes

Todos os direitos desta edição reservados a

Charles Nunes, Angra dos Reis, RJ, Brasil.

Contatos:

www.charlesnunes.net
charlesnunes@gmail.com
[\(24\) 99954 1608](tel:(24)999541608)

O relato contido neste livro não deve ser interpretado como modelo de conduta ditado pelo autor. Retrata apenas sua perspectiva diante de um desafio que pode sobrevir a qualquer família, e expressa sua gratidão por tantos que externaram seu apoio em momentos de adversidade.

Ando devagar porque já tive pressa, e levo esse sorriso porque já chorei demais.

Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente.

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora, um dia a gente chega e no outro vai embora...

Cada um de nós compõe a sua história, e cada ser em si carrega o dom de ser capaz...

De ser feliz. 😊

Almir Sater, Tocando em Frente

Para Martha



Como todos os rapazes apaixonados já imaginaram um dia,
pensei que a seu lado eu poderia enfrentar o mundo...

E não é que dessa vez eu estava certo? 😊

Índice

Para Martha.....	5
Prefácio.....	8
Introdução.....	10
Apresentação.....	12
1. Uma Menina Brilhante	15
2. Um Jeito Poliana de Ser.....	19
3. Uma Bicicleta para Dois.....	23
4. Mil Maneiras de Servir	26
5. Nossa Pequena Japonesa	28
6. Som Na Caixa	30
7. Surprise!	34
8. Caretas.....	40
9. Vontade de Trabalhar.....	43
10. Pequenas Coisas	45
11. Leitora de Carteirinha.....	51
12. Os Cadernos da Poli.....	56
13. Disposta a Obedecer	62
14. Super Poderes.....	66
15. Xadrez.....	69
16. O Grilo Falante.....	72
17. Uma Filha do Pai Celeste	76
18. Um Dia de Cada Vez	80
19. Fisioterapia	83
20. O Retorno das Dores	87
21. Jornal Hospital.....	91
22. Nossa Primeira Transferência.....	93
23. Nossos Dias em Barra Mansa	97
24. Rumo ao Rio de Janeiro.....	101
25. Dias de Incerteza	103
26. Hora de Mudar	105
27. Nosso Lema	109

28. Quanto Vale Um Amigo?	111
29. Um Anjo em Nossa Casa	113
30. Churros	115
31. A Verdade de Cada Um	119
32. Escolhas	121
33. Despedida	123
34. O Inesperado Acontece	126
35. Pronto, Baby	129
36. Um Desafio de Cada Vez.....	132
37. Rio, Angra, Volta Redonda.....	136
38. Amigos de Longe	139
39. Amigos de Perto	141
40. Mil Maneiras de Se Expressar.....	143
41. Um Presente Precioso	147
42. Um Encontro de Família	150
43. A Holanda de Cada Um.....	154
44. Amigos	159
45. Lidando com os Sentimentos	163
46. A Vida Pode Ser Bela	166
47. Anjos de Branco.....	170
48. Um Amigo de Cada Vez	174
49. Pedacinhos	177
50. Mais Que Amiga... ..	179
51. Amigos de Todas as Horas.....	184
52. Uma Mensagem de Conforto	187
53. Lá Vem o Sol	195
54. O Planeta Azul	198
55. Uma Nova Perspectiva	202
56. Tocando em Frente	210
57. Simplesmente Poli.....	215
58. Nossa História Continua... ..	219
Comentários	221

Prefácio

Preficiar este trabalho é um grande desafio, pois me sinto como parte da história. *Simplesmente Poliana* é uma obra repleta de verdade, sentimento e esperança. Mostra com palavras simples que, apesar de todos os revezes que a vida nos apresenta, ela merece ser vivida em toda sua plenitude, até a última gota, e que há sempre motivos para sermos felizes, a despeito dos desafios que enfrentamos.

Poliana deixou um legado de esperança e fé, que certamente servirão de âncora para sua família, amigos, todos que a amam e que ainda aprenderão a amar. Ao passear por suas histórias, mergulhamos no universo da criança, e redescobrimos virtudes e atitudes tão singelas, que perdemos enquanto fomos crescendo, e que precisamos resgatar para buscar a verdadeira realização nesta vida.

Poli, como a chamávamos, sempre tinha preparada uma frase desconcertante, uma pergunta difícil de responder, como os leitores poderão descobrir nas páginas de *Simplesmente Poliana*. As coisas óbvias são as mais difíceis de serem respondidas. Um dia, com seus quatro aninhos, ela me encontrou na cozinha, e disse, num repente:

-- Tia, sabe por que a minha mãe não é a sua mãe?

(O que responder?) Eu então, disse: Não... Por quê?

-- Porque ela é **a minha** mãe!

E assim, a pequena Poliana seguiu, colorindo nossas vidas, nos enchendo de “perguntas Poliânicas”, (termo que meus filhos e eu desenvolvemos para definir perguntas muito difíceis de responder) e nos fazendo sorrir de coisas de criança. Agora, nas páginas deste livro em forma de homenagem, alguns destes momentos estão resgatados, através do amor de um pai dedicado e generoso, que compartilha com todos um pouquinho da alegria que este pequeno anjo trouxe à vida de quem com ela conviveu.

Ao nos depararmos com as histórias de fé, amor e esperança, somos levados a perceber que ainda há muito mais a descobrir sobre as crianças que amamos, se apenas pudermos parar para verdadeiramente ouvi-las.

No futuro, teremos respostas para todas as perguntas difíceis. Até mesmo para aquelas que teimam em nos machucar o coração. Por agora, acreditamos que devemos viver à altura de quem nos inspirou a amar, perdoar, e servir de uma maneira melhor.

E que depois de todas as lágrimas, acreditem... podemos novamente estar juntos um dia.

Tia Su

Introdução

Escrevi esse livro por diversas razões. A primeira delas, para cumprir uma promessa que fiz quando a Poliana nasceu. Sua avó havia falecido um ano antes, e como as duas não se conheceram nessa vida, pensei que escrever sobre minha mãe serviria de ponte entre as duas gerações.

Eu já havia feito um resumo descrevendo as comidas que minha mãe mais gostava, seus programas de TV, seus hábitos e sua maneira de encarar os desafios da vida. Aproveitei o pequeno rascunho para elaborar uma lista dos assuntos sobre os quais pretendia escrever...

A empolgação foi dando lugar às urgências do dia a dia, o projeto foi sendo adiado e acabou ficando de lado – como tantos outros.

À medida que nossos quatro filhos cresciam – dois meninos e duas meninas – tivemos muitas experiências semelhantes à maioria das famílias: trocamos fraldas, contamos historinhas, fizemos as festinhas de aniversário, atrasamos algumas vacinas e guardamos muitos dentinhos caídos embaixo do travesseiro.

No ano em que nossa caçula completou nove anos, reunimos forças e enfrentamos nosso maior desafio: descobrir e lutar contra uma doença que nos parecia invisível e implacável.

Esse foi um capítulo à parte em nossa história. Após cumprir sua parte com louvor, nossa pequena de cachinhos dourados partiu ao encontro da avó...

Ao imaginar as duas conversando, sentadas na grama – como a gente vê nos filmes – sinto que é hora de renovar minha promessa. Se não pude apresentar as duas nessa vida, quero ao menos perpetuar as lembranças felizes do que vivemos juntos. Conhecendo a neta, o leitor conhecerá também a avó. 😊

O segundo motivo pelo qual me mantenho escrevendo, é para curar feridas interiores. Quando se enfrenta um grande desafio, é fácil perder a perspectiva e reclamar da vida. Mas reconhecer as bênçãos nas coisas mais simples pode devolver o ânimo a qualquer pessoa, por mais exausta que esteja.

E finalmente, escrevo para mostrar como nosso recurso mais precioso – o tempo – pode e deve ser bem aproveitado sob qualquer circunstância, e a todo o momento.

Espero que nossa história reforce a idéia de que vale à pena desacelerar, desligar a TV de vez em quando e brincar com um filho, ajudar num trabalho escolar ou visitar um amigo para simplesmente bater um papo – como nos velhos tempos.

A gente se vê por aí.

O autor.

Apresentação

Este livro se chama ‘Simplesmente Poliana – Uma História de Fé, Amor e Esperança’ por um razão muito simples: traz a história de uma menina cuja vida exemplifica os três princípios ao mesmo tempo.

Durante nosso namoro, minha esposa e eu fizemos alguns tratos em relação à nossa futura família: iríamos ter todas as crianças que pudéssemos, e faríamos nosso melhor para criá-las num ambiente sadio e agradável.

Combinamos também que ela escolheria os nomes das meninas, e eu, os dos meninos. No primeiro ano chegou a Ana Paula. A seguir vieram o Arthur e o Abraão. A escolha de cada nome tem sua própria história...

Quando nossa caçula nasceu, a Martha escolheu Poliana. Fiquei curioso sobre como seria escrito, ao que ela respondeu:

-- Poliana, do jeito que se fala mesmo. Simplesmente Poliana.

E ali nascia, sem que soubéssemos, o nome deste livro. Ele é dividido em três partes:

Na primeira, você aprenderá a amar as travessuras, perguntas e gestos de bondade praticados pela Poliana. No fim de cada capítulo, incluo uma citação do diário escrito no ano em que ela completou sete anos.

A segunda parte foi escrita de uma vez só, pois resgatar essas lembranças tem seu preço emocional. Ainda assim, é notória nossa gratidão diante de tanta boa vontade demonstrada por uma verdadeira multidão de amigos em nossos momentos mais difíceis.

Na terceira, você verá como estamos aprendendo a conviver com a falta de nossa preciosa filha, e lerá relatos de outros pais que passaram por experiências semelhantes. Pra completar, incluo alguns comentários feitos no site charlesnunes.com, onde a história também está disponível para leitura.

Após ler o livro, sinta-se à vontade para fazer seus comentários online. Eles poderão figurar nas edições futuras...

Espero que a leitura deste livro lhe traga – assim como viver tais experiências nos trouxe – uma nova perspectiva. Afinal...

O que pode ser mais precioso do aprender a ver a vida pelos olhos de uma criança?

PARTE I

AMOR

"Se tivermos um coração que quer aprender e o desejo de seguir o exemplo das crianças, seus divinos atributos podem ser a chave para nosso crescimento espiritual."

-- Jean A. Stevens

1. Uma Menina Brilhante



Passeio na Praia do Coqueiro. Angra dos Reis, RJ. 2010.

Cada um de nós nasce trazendo um conjunto de dons, talentos e habilidades que podem ser plenamente desenvolvidos de acordo com o meio em que vivemos e os estímulos que recebemos.

Para quem convivia de perto com a Poliana, ou para quem havia acabado de conhecê-la, era fácil perceber que se estava diante de um espírito nobre. Alguém com a capacidade inata de colocar as necessidades alheias diante das suas.

Sua capacidade de compreender as necessidades humanas superava em muito sua idade, e estava sempre disposta a servir nas coisas mais simples.

Quando recebíamos amigos em casa e estávamos comendo algo, lá vinha a Poli com uma bebida geladinha para nos ofertar, sem que ninguém a houvesse pedido.

Sempre que ganhava alguma coisa, por mais simples que fosse (bala, biscoito, chocolate) antes de se servir, ela oferecia a quem estivesse por perto!

Ela gostava também de presentear de um jeito que só as crianças sabem fazer. Bastava que se aproximasse o aniversário de um membro da família, que ela entrava em ação no planejamento da festinha. Muitas vezes, com os recursos de seu próprio cofrinho.

Sua alegria era escolher ou confeccionar os presentes, comprar as velinhas, convidar os amiguinhos, etc. Nessas horas, podia contar com o irmão (Abraão), seu fiel companheiro de brincadeiras e travessuras.

A cada ano, o grilo falante nos surpreendia com sua simplicidade, seus desenhos, fotos, cartas, brinquedos escolhidos cuidadosamente ou feitos à mão.

No dia dos pais de 2010 – o último que passamos juntos – seu cofrinho foi aberto mais uma vez, para se transformar num lindo porta-retratos. Como não encontrou um pendrive em

casa, pegou emprestado com a vizinha, copiou uma foto em que estava sorrindo em cima da árvore e pediu à irmã que fosse com ela fazer a revelação.

A seguir, colocou-a num porta-retratos com as palavras 'Pai, te amo' – embrulhou com capricho – e ficou me aguardando voltar do trabalho...

Ao chegar, percebi que havia algo no ar. Como de costume, ela correu para me receber de braços abertos. Depois, me pediu que fechasse os olhos e me entregou o presente, com tamanha expressão de alegria no rosto que jamais esquecerei. 😊

Aquele sorriso me fazia esquecer qualquer dificuldade do dia. Era um presente diário que eu recebia simplesmente por voltar pra casa.

E a doçura daquele sorriso continua iluminando meu dia a dia, fortalecendo a esperança de que no futuro ainda nos encontraremos outra vez!

Quando me diziam que "os anjos vêm nos visitar, e só o percebemos quando se foram", eu acreditava...

Agora, sei.

Diário de Poliana, 24 de Março de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque nós fizemos uma reunião familiar que nós conversamos muitas coisas legais e a brincadeira foi legal. Ah, e nós mudamos para Angra dos Reis e nós fizemos muitas amizades na escola. Foi muito legal e o meu pai disse que nós vamos fazer aula de natação. Eu estou muito ansiosa para fazer essa aula de natação!

Não sei onde vai ser então eu não vou escrever não. Nós moramos na casa 42 fim. Ah, tchau agora sim fim.

Fim.

2. Um Jeito Poliana de Ser



Brincando em casa. Volta Redonda, RJ. 12.06.2006.

Certa vez, quando a Poli tinha uns três aninhos, estava com ela no colo, andando pela sala. Ao nos aproximarmos de uma foto da Martha comigo à porta do templo de São Paulo no dia do nosso casamento, o grilo falante entrou em ação:

- Papai, nessa foto cê tá casando com a mamãe?
- Tô, filha...
- Por quê?

-- Porque o papai ama a mamãe.

Ela pensou um pouquinho, e disse:

-- Papai, cê me ama?

-- Claro que amo!

-- Então... Vamos casar?! 😊

Nessa mesma época, enquanto passeávamos ao lado do rio Paraíba, a Poli perguntou:

-- Papai, o Paraíba é fundo?

-- É muito fundo, filha.

-- Nele cabem quantos elefantes, um em cima do outro?

-- Ah... Uns dois ou três, eu acho.

O pinguinho de gente não deixou barato:

-- E girafas? 😊

===

Durante uma aula na igreja – cujo tema era a expiação de Jesus Cristo – a professora havia enfrentado certos desafios para manter a disciplina.

Ao final, enquanto recolhia os materiais – pensando sobre como havia deixado de alcançar os objetivos propostos pela aula – e quando todos os outros alunos já haviam saído, foi surpreendida pela Poliana:

-- Tia, eu gostei muito da aula, viu? Obrigado por você ter preparado com tanto carinho. Posso te ajudar a carregar o material?

A professora – que é pedagoga por profissão e lidera uma organização da Pestalozzi em nossa cidade – nos contou com lágrimas nos olhos que essa foi para ela uma grande lição.

A partir de então, quando pensa que ninguém está dando a mínima para sua aula, lembra daquele momento e sente-se animada para continuar.

===

Certo dia, fiquei todo contente ao ler que ‘feliz é o homem que chega em casa com as mãos abanando, e recebe um abraço da mesma maneira’. (Embora meu pai tivesse o hábito de sempre nos trazer coisas ‘de gostoso’ no final do dia, nunca tive essa qualidade.)

Naquela noite, quando vi a Poliana correndo para me receber com um abraço e, percebendo que estava de mãos vazias, lembrei-me do que havia lido.

Quando já estávamos no sofá, comentei o fato. Do alto dos seus seis anos, ela respondeu:

-- Papai, você pode chegar a



qualquer hora com as mãos vazias...

Pra nós o mais importante é você.

Diário de Poliana, 26 de Março 2008.

Outro dia eu fui na praia de Mambucaba aquela praia foi muito gostoso. Nós ficamos um dia ali eu encontrei um peixe muito bonito. Depois nós voltamos para casa.

Bom agora que eu já contei a minha viagem eu vou parar.

Fim.

3. Uma Bicicleta para Dois



Passeio de sábado. Angra dos Reis, RJ. 2008.

Já era noite, quando cheguei do serviço e a Poliana me pediu que a ensinasse a andar de bicicleta. Escolhemos uma rua bem comprida, plana, com pouco movimento, pertinho de casa, e começamos a empreitada.

Enquanto ia pedalando e falando, eu corria ao seu lado, equilibrando a bike pelo selim e guidão. Logo, larguei o guidão e fiquei apoiando apenas pelo selim. A ciclista foi progredindo rapidinho...

Na próxima etapa, soltei o selim e comecei a bater palmas, para que ela soubesse que estava andando sozinha e desenvolvesse a autoconfiança.

Um pouco mais de treino, e passei a contar em voz alta. Ela ia pedalando toda independente e concentrada. Caso se desequilibrasse, lá estava o pai, firmando a bicicleta e começando tudo de novo.

Seu progresso foi tão notório que logo nas primeiras vezes já chegamos ao número vinte, depois ao quarenta, oitenta, e assim por diante.

Tão logo passamos da casa dos duzentos, ela não se conteve de alegria e correu para casa para contar para a mãe. Lembro-me dela correndo em direção à casa, anunciando eufórica sua mais nova conquista:

-- Mãe, eu já sei andar de bicicleta!

Ainda que viva cem anos, jamais esquecerei a doçura daquele momento. Ao me deitar naquela noite, agradei a Deus por me permitir partilhar com ela o sabor daquele triunfo.

Hoje, percebo que foi um daqueles momentos mágicos entre pai e filha, que nenhum dinheiro no mundo pode comprar.

Nos dias que se seguiram, pedalamos em família para a cachoeira, e passeamos pelas ruas do bairro. Ela ia toda contente, fazendo um zigue-zague aqui, outro acolá, desenvolvendo e desfrutando sua mais nova habilidade.

Tesouros como esse, o tempo não pode apagar.



Diário de Poliana, 01 de Abril de 2008.

Hoje eu fui na escola e fui muito legal mas minha mãe foi me buscar porque meu irmão estava doente com febre. Nós pensamos que era dengue. Ele chorou muito. Ele pensou que ele ia morrer. Eu pensei também que ele ia morrer. Depois nós tomamos sorvete.

Fim.

4. Mil Maneiras de Servir



Maio de 2009 – Almoço Surpresa.

Uma das coisas que a Poliana mais gostava de fazer durante nossos passeios era nos presentear com pequenas flores coloridas, colhidas à beira do caminho.

Após dar-lhe um beijo e um abraço, eu guardava no bolso aqueles pequenos tesouros. A lembrança daqueles pequenos gestos continua mais viva do que nunca.

Ano após ano a líder de torcida mirim liderava a patota na organização das festas de aniversário – sempre vinham com

inovações. Compravam balas, presentes, balões, pediam a mãe que confeitasse o bolo e ‘botavam pra quebrar’.

Em nosso aniversário de 14 anos de casamento*, o Arthur fez com ela uma parceria e juntos prepararam um almoço surpresa.

Deixaram-nos trancados no quarto até quase meio-dia, quando terminaram os preparativos. Ao chegarmos à cozinha, comemoramos juntos e partilhamos a alegria dos dois em preparar um presente com tanto carinho.

Ao refletir sobre esses momentos tão felizes, percebo que quando dois dos nossos filhos se reuniam para servir, a Poli sempre estava lá.

***Festejar:** Um verbo que nossos filhos e amigos nos ensinam a conjugar a cada dia.

Diário de Poliana, 03 de Abril de 2008.

Hoje eu chorei para ir na escola aí minha mãe disse que ia me buscar aí eu entrei no ônibus aí eu fui tranqüila. E na volta eu recebi uma notícia que o meu irmão ganhou o concurso.

Fim.

5. Nossa Pequena Japonesa



Participando de um concurso de vídeos. 2006.

No final de 2006 gravamos um vídeo intitulado 'I Love SBI'.

Nosso propósito era participar de um concurso promovido pela companhia canadense que hospeda meus sites: Sitesell.com

Com uma câmera emprestada, levamos dois dias para concluir uma gravação de apenas dois minutos!

Em determinado momento, deixei acidentalmente a câmera ligada...

As crianças me alertaram sobre o fato, e ainda brinquei com elas:

-- Fiquem tranquilos. A câmera está desligada. O pai entende *tuuudo* de câmeras! 😊

Desse modo, conseguimos gravar algumas cenas bem espontâneas. A Poli deu um show à parte, pronunciando a frase 'I Love SBI' diversas vezes diante da câmera – supostamente desligada.

Incluímos na gravação cumprimentos em diferentes idiomas. A Ana Paula representou os Estados Unidos, o Arthur, a França. O Abraão caprichou no “Olé!” dos espanhóis e a Poli foi nossa japonesa. Repetiu inúmeras vezes a palavra 'RAJIMEMACHITE' – que significa prazer em conhecê-lo – até que o diretor do vídeo se deu por satisfeito. (Ter pai maluco não é brincadeira!)

Vivemos momentos de pura diversão, e ainda ganhamos quinhentos dólares com a façanha!

Diário de Poliana, 13 de abril de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque foi um dia de igreja que meu pai nos ensinou a gente a cantar uma música. Aí a gente vai cantar essa música lá na frente. Eu estou com muita vergonha de ir lá na frente. Depois a gente voltou pra casa. Fim.

6. Som Na Caixa



Visitando a nova casa em Angra dos Reis, RJ. 23.08.2008

Em casa temos um hábito interessante: de vez em quando colocamos umas músicas mais animadas – e começamos a dançar em família, sem nenhum planejamento.

Numa dessas noites, estava ouvindo MPB – algumas até bem antigas – quando comecei a dançar no quarto, enquanto nossa filha mais velha lia na cama, em companhia da mãe. De repente, a Poli chega, percebe minha animação, e entra na dança! 😊

Dançamos pra lá e para cá do quarto até o corredor, desde Blue Moon até Splish Splash, com toda a animação que costumávamos ter quando estávamos juntos. Nossa filha adolescente chamou a atenção da mãe para o casal de dançarinos, caiu na risada e disse:

-- Caraca! A Poli dança muuuito!

Daí em diante, sempre que tocamos as músicas animadas das quais gostamos, nos lembramos daquela noite em que seu ânimo nos contagiou!

Dentre suas músicas favoritas destaca-se 'Era Uma Vez', do Toquinho. Repetia tanto essa faixa, que às vezes eu precisava pedir que trocasse de música!

Ao refletir sobre a letra, percebi que as palavras 'simplicidade', 'amizade', 'felicidade', 'fantasia', 'liberdade', 'amor' e 'magia' têm tudo a ver com a essência da Poli, e que para entendê-las preciso desenvolver um caráter semelhante ao de uma criança.

Com certeza, ainda vai levar tempo...

Era uma vez – Toquinho

Era uma vez

Um lugarzinho no meio do nada

Com sabor de chocolate

E cheiro de terra molhada...

Era uma vez
A riqueza contra
A simplicidade
Uma mostrando prá outra
Quem dava mais felicidade...

Pra gente ser feliz
Tem que cultivar
As nossas amizades
Os amigos de verdade

Pra gente ser feliz
Tem que mergulhar
Na própria fantasia
Na nossa liberdade...

Uma história de amor
De aventura e de magia
Só tem haver
Quem já foi criança um dia...

Diário de Poliana, 14 de Abril de 2008.

Hoje quando eu estava na escola o meu tio Cláudio levou a minha turma e a outra turma também e nos levou para uma pracinha que tem lá. Lá na pracinha uma menina que gosta da minha colega aí ela estava conversando com ela. Aí eu perguntei para a minha colega onde que ela ia brincar mas a menina que era amiga da minha colega brigou comigo. Aí eu saí.

Fim.

7. Surprise!



Brincando na sala. Volta Redonda, 2006.

Como sou professor de idiomas, diversas vezes me perguntaram se já havia ensinado inglês aos nossos quatro filhos.

Eu costumava dizer que preferiria aguardar o desejo brotar de dentro para fora, para então ajudá-los no processo, pois assim a aprendizagem seria mais proveitosa.

Ainda assim, fizemos algumas tentativas...

Certa vez, apresentei a eles um curso interativo em DVD com setecentas lições, e combinei que ganhariam um real a cada lição feita. Bastava assistir a apresentação, clicar na resposta certa e copiar as frases no caderno. Setecentos reais para cada um aprender inglês era um investimento compensador.

Decolaram com força total. No final do mês, dei visto em cada lição e fiz os respectivos pagamentos. Eles ficaram tão animados com a grana, que passaram a completar as lições apenas para ganhar o dinheiro! 😊

Concluimos o segundo mês, e como era de se esperar, no terceiro abandonamos o projeto.

Para nossa próxima empreitada, dei a cada um uma apostila, e fizemos juntos a primeira lição. Dessa vez, não havia recompensa financeira envolvida. Nosso combustível era apenas o desejo de cada um deles em aprender.

Recordo-me bem da alegria e gratidão da Poli ao ganhar seu exemplar. Leu a pequena dedicatória que fiz, e foi correndo escrever seu nome, como se fosse um grande presente!

Depois da primeira lição, andava para todo lado com a apostila, revisando o que havia aprendido. Durante o almoço, abria a lição seguinte ao lado do prato, tamanha sua empolgação. Dava uma colherada... E enfiava a cabeça no livro!

Quando cheguei do trabalho no dia seguinte, foi anunciando toda alegre:

-- Pai, eu já sei a segunda lição!

E sabia mesmo. Em pouco tempo, e influenciada pela irmã mais velha, passou a gostar também de músicas em inglês.

Certa noite, a mãe a encontrou cantando enquanto balançava na rede. A Martha se aproximou e perguntou o nome da música, e como a havia aprendido. Era um sucesso do Nickelback, intitulado 'Far Away'.

Havia aprendido cantando com a irmã. Após vencer o sentimento de vergonha inicial, tomou coragem e cantou para nós dois:

This time, this place,
Misused, mistakes
Too long, too late
Who was I to make you wait?
Just one chance, just one breath
Just in case there's just one left
'Cause you know, you know, you know...

That I love you
I have loved you all along
And I miss you
Been far away for far too long
I keep dreaming you'll be with me
And you'll never go
Stop breathing if I don't see you anymore

Charles Nunes

On my knees, I'll ask
Last chance for one last dance
'Cause with you, I'd withstand
All of hell to hold your hand
I'd give it all
I'd give for us
Give anything but I won't give up
'Cause you know, you know, you know

(Chorus)

That I love you
That I loved you all along
I miss you
Been far away for far too long
I keep dreaming you'll be with me
And you'll never go
Stop breathing if I don't see you anymore

So far away (So far away)
Been far away for far too long
So far away (So far away)
Been far away for far too long
But you know
You know
You know
I wanted

I wanted you to stay
Cause I needed
I need to hear you say
That I love you

I have loved you all along
And I forgive you
For been away for far too long
So keep breathing
Cause I'm not leaving you anymore
Believe and hold on to me and, never let me go

Keep breathing
Cause I'm not leaving you anymore
Believe it Hold on to me and, never let me go
(Keep breathing) Hold on to me and, never let me go
(Keep breathing) Hold on to me and, never let me go

Diário de Poliana, 16 de Abril de 2008.

Hoje nós fizemos uma música que é assim:

O Senhor Tamanduá

O senhor tamanduá-tá-tá

Se encontrou com a formiga-gá

E falou assim pra ela-lá

Eu vim aqui para te comer!

Ela ficou assim com medo-do

E teve logo uma idéia-ia

Gritou bem alto o macaco-co

E ele logo ali chegou!

O tamanduá pediu desculpa-pá

E começou o seu regime-me

Fez um biquinho para chorar-rá-rá

E até hoje ele é assim!

Bem, eu só queria contar a minha música. Tchau! Tchau!

8. Caretas



Galera na sala. Volta Redonda, 2006.

Dentre os episódios divertidos que compartilhamos, um deles se destaca: era o hábito da Poliana fazer caretas, abrindo e fechando as narinas, como se tivesse total controle sobre elas.

Para alegrar ainda mais a situação, ela cismava de fazer isso justamente quando tínhamos visitas em casa, e sempre de costas para nossos visitantes!

Nossa família caía na risada, e a visita ficava curiosa sobre o motivo. Ela se divertia muito, dizendo que estava com vergonha. Por mais que insistíssemos, não arredava pé.

Quando já havíamos retomado a conversa, distraídos, nossa atriz nos divertia, recomeçando a sessão comédia! 😊

Bom humor era algo que ela tinha de sobra, e que tornava sua presença agradável aonde quer que fosse...



Ana Paula e Poliana. Angra dos Reis, 2008.



Galera no quintal. Volta Redonda, 2006.

Diário de Poliana, 17 de Abril de 2008.

Hoje quando era cedo nós fomos para a pracinha. O meu irmão disse que ele está fazendo um concurso de desenho que quem ganhar vai ganhar R\$3.000,00. Ele também disse que se ele ganhar ele vai dar R\$100,00 para mim.

Fim.

9. Vontade de Trabalhar



Em passeio com a irmã. Angra dos Reis, 2009.

A Poliana sempre gostou de trabalhar. Fosse cozinhando, arrumando a casa, ou mesmo ajudando no quintal, estava sempre alegre por sentir-se útil, fazendo algo em conjunto.

Numa das vezes em que foi cortar o cabelo com a mãe, não resistiu à vassoura parada no canto do salão e começou a juntar os cabelos que caíam pelo chão.

O cabelereiro elogiou bastante sua atitude, e perguntou-lhe se gostaria de trabalhar ali com ele, cuidando do salão.

Com toda a inocência de uma criança, ela respondeu que sim, e ficou pensando no assunto. Chegou em casa eufórica e, quando me contou, completou com uma pergunta e os olhos cheios de esperança:

-- Pai, você acha que ele vai me contratar mesmo?

Seu tom de sinceridade, a confiança de que eu lhe diria a verdade e a pureza daquele olhar, até hoje me levam a acreditar que temos verdadeiros anjos entre nós.

Expliquei-lhe que pela pouca idade ela ainda não poderia trabalhar, que havia leis que protegiam as crianças no tocante a isso, e falei-lhe da dificuldade de algumas delas que são obrigadas a realizar o trabalho infantil.

A princípio, ficou um pouco decepcionada, mas após pensar nas crianças que não tinham essa escolha, compreendeu que aproveitar sua infância era a melhor coisa a fazer no momento.

E assim seguia nossa Poliana, com suas observações e experiências, aprendendo sobre a dura realidade da vida...

Diário de Poliana, 18 de Abril de 2008.

Hoje fomos em Parati e compramos muitas coisas legais, tipo (tartaruga, barco dentro de garrafinhas, ímãs de geladeira) e fomos na cachoeira. Nós pulamos de uma pedra que tem lá depois nós voltamos pra casa. Fim.

10. Pequenas Coisas



Comemorando a chegada da areia. Angra dos Reis, 2009.

Quando compramos nossa casa em Angra dos Reis, em 2009, começamos a fazer algumas melhorias.

Tão logo a areia para a construção do muro chegou, os meninos e eu subimos na laje e pulamos naquele monte fofinho.

À noite, ainda empolgados, enterramos as crianças na areia, como se estivéssemos na praia.

Coisas simples, muito simples. Com elas, construímos lembranças que nos fazem sentir felizes.

MASSAGENS

Apesar da pouca idade, a Poli desenvolveu diversos talentos. Um deles foi o de cozinhar. Sabia fazer arroz, fritar ovos, fazer bife, salada, etc.

Outro foi o de fazer massagens. Quando eu chegava muito cansado, tomava um banho e ia deitar, ela sempre vinha massagear meus pés e a ‘batata’ da perna.

Depois, fazia uma massagem no capricho na mãe também. Aquela mãozinha de fada fazia a gente relaxar.

Se eu ainda não tivesse tomado banho, ela fazia do mesmo jeito, e não se importava com o meu chulé. Eu sempre enfatizava a importância dela lavar as mãos depois, no que ela obedecia. Que disposição ela tinha em nos servir...

Com certeza, ela tinha um jeito de ser especial.

UNI-DUNI-TÊ

Todo mundo já brincou – ou viu alguém brincando – de “U-ni-du-ni-tê, salamê mingüê, o sorvete colorido, escolhido foi você!”

É aquela brincadeira em que as crianças batem umas nas mãos das outras, e vão cantando. Há diversas variantes, com músicas bastante criativas.

A Poli gostava muito de uma dessas brincadeiras cuja música de acompanhamento é:

Soco-soco, bate-bate, soco-soco, vira-vira
Soco-bate, soco-vira, soco-bate-vira.

Ela e o Abraão conseguiam brincar numa velocidade assombrosa. Num determinado dia, resolvi entrar na brincadeira. Qual não foi minha surpresa ao perceber que não conseguia acompanhá-los!

Quando penso nisso, me bate aquela vontade de participar um pouco mais do mundo de faz de conta em que as crianças vivem...

BONEQUINHAS

Certa vez a Poli ganhou duas bonequinhas de presente. Ela cuidou das duas, arrumou as roupinhas, brincou de casinha e organizou uma pequena seção de fotos.

Gostei muito de observar a paciência com a qual ela preparou o casal de gêmeos para as fotos. Yago e Yasmim.

A expressão de alegria no rosto da mãe-mirim é algo digno de nota, não é mesmo?



CASINHA NA ÁRVORE

Quando morávamos em Volta Redonda, construímos uma casinha na árvore. Para subir ou descer, utilizávamos um escorregador.

Em Angra dos Reis, não temos uma árvore no quintal. Então, o Abraão e a Poli construíam barracas para brincar da mesma forma.



Em nossa janela do quarto ainda estão os pregos que eles pregaram para construir a última casinha em que brincaram juntos.

Essas lembranças às vezes doem, às vezes fazem chorar, mas também geram um sentimento de gratidão por havermos convivido com ela, e ainda convivermos com nossos filhos, com seus desafios e a maneira de ser de cada um.

NOVELAS

Certa vez conversamos em família sobre os efeitos do hábito de assistir novelas. Comentei sobre como as mentiras são dissimuladas e misturadas com verdades, a fim de diminuir nosso discernimento e sensibilidade. Que com o tempo,

podíamos passar a tolerar situações em nossa tela que não permitiríamos acontecer ao vivo.

Enfatizei que, às vezes, chegamos a torcer para que um ‘mocinho’ faça algo que sabemos ser completamente antiético, o que nos vai embotando aos poucos nossa percepção.

Daí em diante, quando uma das crianças estava trocando de canais para escolher um novo programa, bastava que a Poli identificasse uma cena de novela, para alertar aos irmãos:

-- Isso aí é novela. O pai falou pra gente não assistir...

Obviamente, ela não era uma menina perfeita, mas nesse ponto ela atingiu um elevado grau de obediência!

BESOUROS

Não sei de onde surgiu, nem como tudo começou, mas a Poli tinha um medo terrível de besouros. Bastava encontrar um, que ela quase entrava em pânico, saindo imediatamente do recinto.

Para desespero dela, nossa casa em Angra dos Reis ficava infestada deles durante determinada época do ano.

As crianças já sabiam, e faziam a maior gozação!

Coisas de família... 😊

Diário de Poliana, 19 de Abril de 2008.

Dia de Passeio! Sabadão!!!

Hoje fomos à cachoeira. Que delícia é lá! A água é geladinha e limpinha. Tem lugares ótimos para nadar.

11. Leitora de Carteirinha



Passeando na Praia do Coqueiro. Angra dos Reis, 2010.

A Poliana teve o privilégio de ser criada numa família que ama a leitura. Desde seus primeiros anos, esteve às voltas com os clássicos da literatura infantil, e gravou até alguns deles, em companhia dos irmãos.

Ela cresceu vendo os irmãos lendo. Rodeada de livros, desenvolveu um amor natural pelas ‘historinhas’. Certa vez, ela pegou o livro do Pinóquio, me pediu que ligasse um gravador, e anunciou:

“Olha, eu vou ler uma história muito boa, que todos vocês vão querer saber. É uma história muuuito boa. E todos vocês gostam. E também vão gostar muito quando eu acabar de ler. E essa história é... Pinóquio, Pinóquio, Pinóquio, Pinóquio!

Está bem. A história é curta.

(Suspiro) Aaaai...

Olha pessoal, eu vou ler outra, tá bom? Vou ler outra por causa que essa daqui é muito ruim mesmo, tá bom?

Eu vou ler outra história muito boa. Vocês todos gostam... e essa história é... O Patinho Feio. Todos vocês gostam, não é?

Agora, vocês tem que ficar bem quietinhos pra mim ler.

Era verão. A fazenda estava liinda! Uma pata fez seu ninho...”

E nos próximos minutos ela gravou toda a historinha, que ouvimos de vez em quando para nos lembrar dessa leitora de menos de cinco anos de idade!

Numa outra ocasião, pegou o celular e por livre iniciativa gravou o livro inteirinho do Pinóquio! Foram dez minutos de leitura, decifrando palavras que ela nunca havia visto ou ouvido.

Essa gravação para nós é uma verdadeira relíquia! 😊

TODA MAFALDA

Aos oito anos, os caminhos da Poli se cruzaram com os de uma personagem de quadrinhos que viria a fazer parte do seu mundo dali em diante: Mafalda, uma garota argentina de sete anos criada pelo cartunista Quino na década de 70.

A irmã mais velha trouxe da escola um exemplar de mais de quatrocentas páginas, intitulado ‘Toda Mafalda’. Nos dias que se seguiram, o livro tornou-se a bíblia da Poliana. Aonde quer que fosse, carregava aquele baita livrão. Interagia com os personagens, partilhando conosco as aventuras e perguntando nossa opinião a respeito.

Mesmo sem entender algumas tirinhas – de cunho político – ela seguiu adiante, até virar a última página. Comemoramos juntos! ☺

Como a maioria das meninas, Mafalda adora brincar, dançar e conversar com os amigos. Mas detesta tomar sopa, o racismo e se preocupa com a política do país e do mundo.

Através dela, conhecemos Manolito, de seis anos, que vive buscando maneiras de aumentar os lucros na mercearia do pai.

Nos divertimos com Susanita – também de seis anos – que almeja se casar e ter uma numerosa família, além de estar sempre antenada sobre as últimas fofocas da turma.



Com a leitura, a Poli se tornou a fiel defensora do Guille, o caçula da turma. Na idade das descobertas, sua paixão são os rabiscos na parede e a inseparável chupeta.

Depois de alguns meses, ela foi à biblioteca e pegou o livro por conta própria... Estava com saudades dos novos amiguinhos!

HERÓIS ANÔNIMOS¹

Quando escrevi o livro ‘Heróis Anônimos’, a leitora mirim marcou presença. Leu as quinze crônicas, e passou a divulgar o livro na sala de aula. Uma amiguinha o pediu emprestado, mas depois trocou de escola e nunca mais o devolveu.

A Poli me contou o caso, como que pedindo desculpas pelo sumiço do livro. Disse-lhe que aquilo era até bom, pois as histórias poderiam ser lidas por mais pessoas. 😊

Presenteei-lhe com um novo exemplar e, ao perceber que nosso relacionamento era mais importante que um simples livro, ficou toda satisfeita.

¹ Para ler o livro online, visite www.charllesnunes.com

Num mundo onde a posse costuma ter mais valor do que as relações entre as pessoas, este foi um aprendizado muito significativo...

Diário de Poliana, 24 de Abril de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque lá na escola tem uma praia na frente dela. Aí a gente fica olhando ela quando é o recreio. Mas tem um moço que fica lá sentado em uma cadeira e ele já brigou comigo porque ele briga com as pessoas que saem da escola pra ver a praia.

12. Os Cadernos da Poli



Escola Municipal Paraíba. Volta Redonda, RJ.

De 2006 a 2007 a Poliana estudou na mesma escola em que eu havia estudado de 1976 a 1980, a Escola Municipal Paraíba, na Vila Mury, em Volta Redonda, RJ.

Em nosso último ano na cidade, ela participou de uma peça teatral chamada 'Linda Rosa Juvenil'. Fez o papel de uma das flores do jardim. Como eu trabalhava por conta própria, tinha oportunidade de participar das reuniões de pais, e das



festividades na escola. Foi assim que registrei essa foto tão bonita da Poli com seu amigo Luan.

Em 2008 nos mudamos para Angra dos Reis, e nossos filhos passaram a estudar no

Colégio Estadual Roberto Montenegro, em Praia Brava. Um excelente colégio, por sinal.

Tenho em minhas mãos os cadernos da Poliana, quando cursava a terceira série (quarto ano do Ensino Fundamental) em 2010, na turma 403.

Nesse ano, ela fortaleceu sua amizade com a professora Maria José Dantas, e ambas gostavam bastante uma da outra. Nessa época a Martha a levava de bicicleta para pegar o ônibus na pracinha, logo após o almoço. Eis alguns trechos do caderno...

17 de fevereiro de 2009:

1. Tudo sobre mim

a) Qual o seu nome completo? Poliana Pereira Nunes.

b) Qual é a sua idade? 8 anos.

c) Quantos irmãos você tem? 3.

d) Você tem alguma mania? Qual? Não.

e) Onde costuma passar as férias? Na praia.

- f) Qual a sua brincadeira preferida? Pular corda.
- g) De que matéria você mais gosta? Português.
- h) Você pratica esporte? Qual? Esqueite.
- i) Você tem sonhos? Fale sobre isso: Sim, dentista.
- j) Qual o seu livro preferido? O homem mascarado.

2. Junte todos esses dados e faça uma produção textual:

Tudo de Mim

Meu nome é Poliana Pereira Nunes. Eu tenho 8 anos. Tenho 3 irmãos. Tenho mania de brincar toda hora. Costumo passar as férias na praia. Gosto muito de pular corda. Gosto de português, pratico skate. Também queria ser dentista. Meu livro preferido é 'O Homem Mascarado'.

E no mesmo dia:

POEMA PARA UM AMIGO

1. Com as palavras a seguir, escreva um poema para um(a) amigo(a) dizendo como é bom ter amigos(as) como ele(a): amizade - respeito - bom - amigo(a) - lembranças - fiel - colega - confidente - segredos



Alexia – Eu gosto muito de fazer amizades na escola porque quando nós estamos sozinhos eles ficam conosco e eu fico muito feliz com isso.

No dia 10 de julho de 2009, após ler ‘O piquenique da

Bicharada’, a Poli respondeu a um questionário. A última pergunta foi:

d) Se você fosse um bicho, qual seria? Uma pombinha.

No dia 22 de fevereiro de 2010, após ler ‘Autobiografia – Minha Vida’, a Poli escreveu:

Minha Vida

Gosto muito da minha vida porque nela faço muitas aventuras. Gosto de ir a escola minha professora é muito legal.

Gosto de ver televisão, gosto de brincar, etc.

Tenho muitas amigas. Juliana, Julia, Bruna, Camila, Ana Júlia, etc. Também tenho amigos: Pedro...

No dia 7 de junho de 2010, a professora passou a música ‘Era Uma Vez’, de Álvaro Socci e Cláudio Matta. A seguir, o questionário:

1. Que tipo de texto é esse? Um poema.

2. Localize os pares de rimas do texto e transcreva-os no caderno.

nada – molhada

simplicidade – felicidade

verdade – liberdade

magia – dia

3. Faça um desenho dos seguintes versos:

“Um lugarzinho no meio do nada, com sabor de chocolate, e cheiro de terra molhada.”

4. Como você se sentiria em um lugarzinho assim? Feliz.

5. Em sua opinião, quem pode dar mais felicidade: a riqueza ou a simplicidade? Por quê?

A simplicidade. Por que simplicidade não significa pobreza, você pode ser (feliz) e simples.

No dia 30 de agosto de 2010, a professora passou um texto sobre o diário de Serafina, e entre outras coisas, perguntou:

O que é um diário para você?

“Um diário é como se fosse um amigo. Para mim é um caderninho para escrevermos nossos sentimentos e relatarmos o que aconteceu no dia.”

E o último questionário do caderno de Português:

- a) Qual é a sua história em quadrinhos preferida? Turma da Mônica.
- b) Que personagem de história em quadrinhos você prefere? Mônica.
- c) De que desenho animado você mais gosta? Turma da Mônica.
- d) Dos filmes que você assistiu, qual é o seu preferido? Não tenho.
- e) Qual é o seu herói de cinema? Não tenho.

E, para concluir, uma das vezes em que ela decidiu a profissão a seguir:

-- Mãe, eu já sei o que vou ser quando crescer! Vou ser DESENHORA! 😊

Diário de Poliana, 25 de Abril de 2008.

Hoje não teve prova pra mim então eu não tive que trabalhar muito aí eu fico muito relaxada. No recreio a minha colega me deu um pouco de fandangos. Eu já contei que sempre eu vou na cachoeira, e hoje nós fomos na cachoeira e pegamos um monte de peixe.

Fim.

13. Disposta a Obedecer



Brincando na cozinha. Volta Redonda. 2006.

Uma das virtudes produzidas pela humildade é a capacidade para aprender. A Poliana exemplificou de diversas formas como aplicava esse princípio. Uma delas foi na aprendizagem da lei do dízimo e das ofertas.

Na igreja da qual fazemos parte (A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) pagamos o dízimo com diversos objetivos. Um deles é a construção e manutenção de milhares de capelas ao redor do mundo.

As doações são feitas de modo confidencial. A quantia a ser doada é colocada em um envelope e entregue a um dos líderes. (A liderança é composta por profissionais de diversas áreas que servem como voluntários nas horas vagas.)

Além do dízimo, há espaço para a doação das seguintes ofertas:

- Auxílio Humanitário
- Fundo de Educação
- Oferta de Jejum
- Fundo Missionário Local
- Fundo Missionário Geral
- Construção de Templos
- O Livro de Mórmon

Ao aprender sobre a importância de cada doação, passou a preencher cada campo da contribuição.

Quando da entrega dos relatórios individuais (que recebemos uma vez por ano), ficamos surpresos com a fidelidade com que nossa dizimista de plantão viveu o que se determinou a fazer. Suas contribuições refletiam sua convicção!

Além disso, sempre mantinha seu cofrinho bem gordinho para presentear os irmãos e amigos.

Certa ocasião, a Poli viu um vestido de cem reais, e começou a poupar visando presentear a irmã.

Durante os dias em que passamos juntos no hospital, estávamos fazendo uma poupança com as moedas que recebíamos de troco. Ela planejava comprar um par de patins com as economias.

Ao refletir sobre esses fatos, me pergunto: Como pode alguém num curto espaço de nove anos ter aprendido tantas lições, enquanto a maioria de nós leva muito mais tempo para aprender? Como pode alguém dedicar-se em servir ao próximo como se fosse a coisa mais natural do mundo?

Um dia, descobriremos as respostas. Por hora, fica a gratidão de ter aprendido com seu exemplo, e a certeza de que das coisas pequenas provêm as grandes...



Diário de Poliana, 26 de Abril de 2008.

Hoje nós fomos na cachoeira e nós pulamos da pedra que tem lá e nós encontramos o nosso amigo(a). Um chama Daniel e a outra é Jéssica.

Lá na cachoeira eu peguei um peixe e todos ficaram felizes e quando eu voltei pra casa a minha mãe fez uma prova.

Fim.

14. Super Poderes



Bagunça na cama. Angra dos Reis, 2010.

Certa noite após o jantar, eu estava sentado no sofá quando a Poli perguntou:

-- Pai, o Magnum faz a pessoa ficar com mais poderes?

-- Como assim?

-- Eu vi na propaganda, que a mulher chupa um picolé e sai andando, toda alegre.

-- Vamos descobrir?

E assim saímos, pedalando pelas ruas do bairro, em busca do almejado picolé. Ela na garupa, eu na frente, em nossa operação caça-picolés.

Na primeira padaria, não tinham. No barzinho, também não. Na segunda padaria, nada de Magnum. Já havíamos rodado por mais de meia hora quando encontramos o picolé, na padaria da rua principal.

Lembro-me da alegria dela ao abrir a embalagem. Dentro de minutos descobriríamos se o picolé traria o tal poder...

Como sempre, ela me ofereceu primeiro. Agradei. Deu uma primeira mordida, saboreando devagarinho.

Depois de umas três mordidas, nossa pesquisadora deu o veredito:

-- É pai, não acontece do jeito que eles mostram na propaganda. Eu já desconfiava...

Rimos a valer. Montamos na bicicleta e saí carregando de volta o meu tesouro – que por sua vez carregava o dela.

Receita de felicidade: uma filha satisfeita, um pai realizado, uma bicicleta e um picolé pela metade. Todos entrosados...

Cada qual cumprindo o seu papel.

Diário de Poliana, 27 de Abril de 2008.

Hoje foi um dia de igreja e foi muito legal. Eu mudei de professora e a nova professora é muito legal. Como sempre eu fiz a oração para ir para sala. Na sala para ir embora, e mais algumas vezes em casa eu que faço a oração e hoje quer dizer amanhã nós vamos fazer uma reunião familiar.

E a minha tia disse que nós temos que ler as escrituras e pagar o dízimo e ler o livro de mórmon.

Tchau, tchau!

Fim.

15. Xadrez



Aniversário de um amigo. Angra dos Reis, 2010.

Em família nos alegramos ao relembrar dos primeiros dias nos quais cada um dos nossos filhos jogou xadrez. Pra começar, deveriam mexer as peças como quisessem, e a cada mexida podiam derrubar uma peça nossa.

Quando era nossa vez de jogar, às vezes derrubávamos também, mas às vezes 'errávamos' a jogada, o que dava à criança uma vantagem considerável...



No final, nosso adversário-mirim derrubava o rei, e sentia-se vitorioso.

Todos eles tiveram essa oportunidade, e à medida que o tempo passava, foram aprendendo o movimento correto das peças.

Depois que eles já jogavam de verdade, de vez em quando fazíamos algumas apostas. Prometi a cada um deles 10

reais caso me vencessem numa partida.

O Abraão foi o primeiro a ganhar. Eu estava distraído, vendo TV e jogando ao mesmo tempo. (Ao menos, foi a melhor desculpa que consegui inventar... 😊 Ele foi preparando a estratégia e – quando eu menos esperava – encurralou o rei.

A próxima foi a Poli. Eu estava ganhando a partida, quando o Abraão veio em seu socorro, revelando a estratégia que eu estava preparando. Em poucos minutos, mais dez reais voando carteira afora. 😊

E assim passamos muitos bons momentos, comemorando juntos a cada pequena vitória. Foi um jeito legal de ser feliz.

Diário de Poliana, 30 de Abril de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque no ônibus eu pensei que ia ser muito chato mas quando eu voltei eu queria voltar na escola e esqueci de contar que um dia que eu não lembro a minha irmã ficou doente e eu achou que vou botar fim.

Fim.

16. O Grilo Falante



Brincando de Cavalinho. Volta Redonda, 2006.

Não me lembro quando nem de onde tirei a idéia, mas para cada filho inventei um apelido. Às vezes, sem qualquer explicação. Mesmo que o apelido surgisse ‘do nada’, era meu modo carinhoso de chamá-los.

Para a Poliana, escolhi ‘Grilo’, pela semelhança com o grilo falante da Disney. E exatamente como fazem os grilos, na presença de estranhos ela permanecia calada por algum

tempo. Mas tão logo se habituasse à pessoa, se soltava e falava pelos cotovelos!

Mais tarde descobri que o personagem fictício apareceu pela primeira vez em 1940, no desenho do Pinóquio. Era um companheiro sábio e bem humorado, e agia como um tipo de consciência do garoto de madeira.

Seu criador, o cartunista Ward Kimbal, estava bastante desapontado e prestes a deixar os estúdios Disney, pois grande parte de seu trabalho na criação do filme Branca de Neve havia sido cortado da versão final do filme. Walt Disney conseguiu persuadi-lo a continuar, dando-lhe a designação de criar o Grilo Falante.

Originalmente um personagem secundário, sem nome na história italiana, ele foi traduzido na versão de Disney como um companheiro divertido e sábio que acompanhava o Pinóquio em suas aventuras, com a função de lhe servir como uma consciência.

Do mesmo modo, as lembranças da Poli com sua sabedoria infantil e seu característico bom humor, até hoje agem sobre mim como uma consciência de que devo fazer por merecer estar ao lado dela novamente algum dia.

A canção tema do filme Pinóquio – When You Wish Upon a Star – ficou mundialmente famosa na voz do grilo falante, e passou a ser o tema oficial da Disney:

When You Wish Upon a Star

When you wish upon a star
Makes no difference who you are
Anything your heart desires
Will come to you

If your hearts is in your dream
No request is too extreme
When you wish upon a star
Like dreamers do

Fate is kind
She brings to those who love
The sweet fulfillment of
Their secret longing

Like a bolt out of the blue
Fate steps in and pulls you through
When you wish upon a star
Your dream comes true.

Versão em Português:

Quando você faz um pedido a uma estrela, não faz
diferença quem você é.

Qualquer coisa que seu coração deseja virá para você.

Se seu coração está em seus sonhos, nenhum pedido é demais.

Quando você faz um pedido a uma estrela como os sonhadores fazem.

O destino é bom, ele traz para aqueles que amam a doce realização de seus desejos secretos.

Como um barco surgido do nada, o destino aparece e vê dentro de você.

Quando você faz um pedido a uma estrela, seus sonhos se tornam realidade.

*Para ouvir a música interpretada por Renato Russo, visite:
<http://www.vagalume.com.br/renato-russo/when-you-wish-upon-a-star-traducao.html>

Diário de Poliana, 05 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque hoje uma coleguinha nova entrou na minha série e ela é muito legal. Eu esqueci de perguntar o nome dela.

Fim.

17. Uma Filha do Pai Celeste



Passeio no Parque Mambucaba. Angra dos Reis, 04.09.10.

Numa noite em que a Poli não estava se sentindo bem, ela me pediu que lhe desse uma bênção de saúde. (Tal bênção consiste numa oração feita por um portador do Sacerdócio de Melquisedeque em favor de alguém que esteja doente ou aflito.)

Como eu já estava deitado, e devido ao cansaço, pedi que ela esperasse pelo dia seguinte. Ela consentiu, de bom grado.

Imediatamente, me arrependi de não tê-la atendido. Levantei-me, troquei de roupa e dei-lhe a bênção, como já havia feito em diversas ocasiões com outros familiares e amigos.

No dia seguinte, ao retornar do trabalho, encontrei um bilhete de agradecimento. Dizia o seguinte:

22.12.2008

Pai, muito obrigado pela bênção de ontem. Estou me sentindo muito bem.

Nunca me senti tão boa desse jeito. Nunca vou esquecer este dia, pelos dias que nós fomos na praia, no meu aniversário e muito mais.

Mais o mais bom foi ontem. Só por isso vou escrever um hino que se chama

Uma Filha do Pai Celeste

Levanta a cabeça, és filha de Deus

Sê forte e recorda quem tu és

Tenta compreender o plano do Senhor

Deus muito perto está, confia em seu amor...

Desculpe não saber o hino inteiro, mas muito obrigado.

Beijos. De: Poli Para: Pai

Fiquei tão contente com sua demonstração de gratidão, que plastifiquei o bilhete... E o reencontrei justamente enquanto escrevia esse livro! 😊

=====

Nota: Que alegria relembrar aquela decisão tomada em boa hora (me levantar da cama), e a de plastificar o bilhete. Nunca sabemos o que nos reserva o amanhã, e essas memórias familiares são de *grande* conforto nos dias difíceis...

PARTE II

FÉ

*“Não é a resposta que ilumina,
mas a pergunta.”*

-- **Decouvertes**

18. Um Dia de Cada Vez

No primeiro trimestre de 2010, recebi um telefonema de minha esposa, informando que a Poli estava ajudando o irmão a lavar a varanda, quando sentiu uma grande dor ao tentar levantar um balde com água.

No início da noite, levamos nossa pequena ao posto de saúde, e a neuropediatra de plantão nos encaminhou ao hospital público municipal. Lá, foram realizados exames de raios X, e marcaram uma ressonância para conferir a situação da coluna.

Voltamos para casa na mesma noite, e durante os próximos dias ficamos aguardando o telefonema do hospital...

Neste período a Poli começou a enxergar em duplicidade. Para corrigir a imagem, ela entortava um dos olhos, ficando estrábica. Aquilo nos deixou preocupados...

Fomos até a escola e conversamos com a professora. Pedimos que a deixasse sentar na fileira da frente, para que conseguisse enxergar melhor.

Enquanto esperávamos pelo chamado do hospital, fizemos um passeio em companhia de amigos no dia dois de abril.

Durante a atividade, a Poli estava agachada quando uma coleguinha deu-lhe um abraço de surpresa. Ela caiu de costas, gritando de dor. Eu estava por perto e vim correndo. Ela estava

imóvel no chão, e me pediu que a deixasse ali quieta – com medo de que ao se movimentar a dor aumentasse ainda mais.

Com bastante cuidado a levantamos, entramos no carro e fomos para casa. A dor continuou. Ela permanecia imóvel no sofá. Por fim, decidimos levá-la ao hospital de Praia Brava.

Para entrarmos novamente no carro, levamos quase uma hora. Expliquei a situação ao enfermeiro, que por sinal foi bastante paciente conosco. Após ser examinada pelo médico, fomos encaminhados novamente à sala de raios X.

Depois de um tempão, conseguimos posicioná-la na máquina da forma correta. O medo de que a dor retornasse lhe dificultava os movimentos.

Após o exame, fomos direto para a enfermaria pediátrica. O técnico ainda me alertou de que aquele quadro poderia ter alguma relação com alguma debilidade no sangue, pois estava estudando hematologia e já havia presenciado situações semelhantes.

Como cada pessoa que tomava conhecimento do caso tinha uma opinião pessoal a respeito, pensei que fosse apenas mais um entre tantos conselhos, e deixei o assunto cair no esquecimento.

Nossa jornada durou onze dias, em regime de turnos. Quando a Martha acompanhava a Poli durante o dia, eu a acompanhava de noite, e vice-versa. No momento da troca, atualizávamos as

informações sobre o tratamento. Durante o restante do tempo, mantínhamos contato por telefone.

Ali conhecemos pessoas maravilhosas. Vivenciamos de perto como a rotina de uma internação pode desestabilizar a vida familiar. Reconhecemos a necessidade do apoio dos amigos – que nos visitaram em casa e no hospital, sempre com uma palavra de esperança para nos confortar.

A Poli começou a tomar corticóides e a fazer exames de sangue diariamente, mas sua taxa de glóbulos brancos continuava baixíssima.

Como no décimo dia houve uma pequena melhora, liberaram nossa pequena no dia seguinte. Voltamos para casa com ela ainda mancando - pois ainda não havia recuperado a força nas pernas.

Uma das médicas foi categórica em afirmar que aquela situação melhoraria em breve...

Você Sabia?

Os Doutores da Alegria estão presentes na maioria das cidades brasileiras.

Eles fizeram um filme divertido e tocante sobre o trabalho realizado nos hospitais.

Para saber mais, visite doutoresdaalegria.com.br

19. Fisioterapia



28.06.10 Com a fisioterapeuta e amiga Silvia Cardoso.

Após onze dias no hospital, voltamos para casa, felizes da vida!

Por desconhecermos a real gravidade da doença acreditávamos que a situação estava sob controle e só tenderia a melhorar...

As crianças fizeram um cartaz de boas-vindas e o colaram na parede da sala. (E ali ele ficou por um bom tempo, como um sinal de que deveríamos valorizar mais nossos momentos em família...)

No fim de semana, a situação da Poliana começou a se agravar. Havia sido marcada uma consulta de revisão para a quarta-feira seguinte, mas resolvemos levá-la a uma clínica de hematologia em Barra Mansa, onde uma sobrinha nossa conhecia um especialista de confiança.

O hematologista a atendeu, e após prescrever alguns exames adicionais, nos encaminhou à neuropediatra. Fizemos todos os exames – a Poli e a Martha ficaram em Barra Mansa por alguns dias – e a doença foi diagnosticada como miopatia.

Retornamos para casa, aliviados e esperançosos. Desta vez, a Poli voltou sentindo-se bem melhor! Iniciamos então um período de fisioterapia. Assim, tive o privilégio de reencontrar uma amiga de longa data...

Nos idos de 90, eu havia trabalhado como professor de inglês numa escola de ensino fundamental em Volta Redonda-RJ. Lá, costumava conversar com os alunos sobre as experiências que os aguardavam na vida: casamento, profissão, maternidade, paternidade, etc.



Certa vez conversei com uma turma do sétimo ano sobre as profissões que exerceriam no futuro. Comentei que algum dia eu teria o privilégio de entregar um de meus filhos aos cuidados deles. Ao

contratarmos a Silvia como fisioterapeuta, aquela visão se tornou realidade: durante as dez sessões do tratamento, as duas se tornaram verdadeiras amigas. A Poli comentava sobre a ‘Tia Silvia’ como se fosse alguém da família.

Antes da última sessão, ela ainda comentou sobre a saudade que iria sentir quando terminasse o tratamento. Como eu estava trabalhando durante as sessões, participei apenas de uma delas – e aproveitei para fotografar a dupla em atividade. As sessões eram tão animadas que os meninos também aproveitavam para entrar na dança!

Dentro de poucos dias, nossa pequena já estava radiante para voltar às aulas. Suas amigas da escola fizeram a maior festa. Retornou também para o convívio dos amigos na igreja, e todos comemoramos seu retorno. Sob o efeito dos remédios, sua saúde ia melhorando a cada dia...

Você Sabia?

A Operação Sorriso do Brasil é formada por voluntários que doam seu tempo e experiência para melhorar a vida das crianças brasileiras portadoras de fissura lábio-palatina.

*Para saber mais,
acesse:*

operationsmile.org.br



Foi um período repleto de atividades para nossa família. Fomos à praia e cachoeira, a festas de aniversário, jogamos jogos de tabuleiro, e ela aprendeu a andar de bicicleta. Visitamos parentes e amigos. Em uma de nossas últimas idas à praia aproveitamos para tirar muitas fotos... Que são hoje um tesouro de família!

20. O Retorno das Dores

No final de setembro de 2010, a Poli começou a se queixar de dores no braço. Depois, na perna também. Surgiram algumas manchas no seu antebraço e pequenos nódulos no pescoço. Retornamos ao hematologista, à neuropediatra, e nos aconselharam a repetir toda a bateria de exames...

Assim, lá fomos nós, no dia 7 de outubro repetir todas as ressonâncias da coluna, o eletroencefalograma e o exame dos quatro membros.

Foi um dia exaustivo. Eu havia tido diarreia durante toda a madrugada, e no início da manhã, fui ao hospital. Fiquei em repouso tomando soro, e lá pelas nove já estava pronto para começar a jornada com a Poli.

Fomos ao primeiro hospital, no qual ela fez três ressonâncias da coluna. A seguir, nos dirigimos para o centro de Angra, onde mais exames a aguardavam. Dessa vez, foram os membros inferiores, superiores e o eletroencefalograma.

Depois voltamos para casa, para um merecido descanso. No dia seguinte, fui trabalhar e a Poli passou o dia todo com dor de cabeça. (Não sabíamos, na época, que esse poderia ser um indício de que a leucemia já estava num estágio avançado...)

Ela havia apresentado alguns hematomas no corpo, o que nos deixou preocupados. Uma das manchas – a maior delas – se localizava no antebraço.

Além disso, a Poli começou a identificar nódulos em algumas partes do corpo, principalmente no pescoço. Sua barriga também parecia estar bastante inchada.

Já havia passado das dez da noite quando decidimos levá-la ao hospital. A dor de cabeça havia chegado a um grau insuportável. Liguei para meu amigo Júnior que prontamente nos levou ao hospital de Praia Brava.

Logo no primeiro exame, o médico constatou que seu fígado estava ‘palpável’. De imediato, o médico decidiu pela internação. Voltei para casa a fim de buscar algumas roupas, e a Martha passou com ela essa primeira noite no hospital.

Comecei a dormir uma noite em casa, outra no hospital. Na primeira internação, havíamos passado onze longos dias nesse ritmo, e imaginávamos que a jornada seria longa, mas nem tanto...

Do dia oito ao dia trinta, iríamos percorrer quatro hospitais, três unidades de terapia intensiva (UTI) e conheceríamos os dias mais difíceis de nossas vidas. Mas como não podíamos prever o futuro, fomos vivendo um dia de cada vez.

Deixamos nossos outros três filhos aos cuidados de uma grande amiga, e voltamos à rotina dos exames de sangue, das agulhadas, e nada de diagnóstico.

Ao ler no prontuário da Poliana ‘confirmar suspeita de leucopenia’, fiquei imaginando quanto tempo levaríamos para encontrar um diagnóstico preciso. Estávamos apreensivos, e quando ela nos perguntava: “Pai, o que é que eu tenho?” Um nó me subia à garganta por não saber como lhe responder...

Durante todo o processo, procuramos aguardar com paciência, planejando o que faríamos quando recebêssemos uma nova alta... Entre nossos planos, estava o tão sonhado par de patins que ela ganharia ao retornar para casa...

Na medida em que os dias foram passando, enquanto enfermeiras e médicos revezavam-se em turnos, começamos a ficar mais preocupados. O atendimento era muito bom, mas quando se está fora de casa já a algum tempo, não há acomodação que dê jeito. Além de presenciarmos o sofrimento da Poli, um de

Você Sabia?

***Roberta Faria**
revolucionou o
mercado editorial,
fazendo de uma
revista um
extraordinário Projeto
Social que ajuda
milhares de crianças.*

*Descubra como:
revistasorria.com.br*

nós passava a noite no sofá de acompanhantes, pensando nos outros filhos que ficavam em casa... Aquilo era muito cansativo...

Num determinado dia, o médico de plantão me chamou e disse que estava estudando a possibilidade que a doença fosse toxoplasmose, devido ao surto que estava ocorrendo no bairro onde morávamos. Diante do quadro, pediu-me que torcesse para que o diagnóstico se confirmasse, e que não fosse uma “coisa pior”.

Com todas as letras, lhe perguntei se a tal ‘coisa pior’ poderia ser leucemia. Ele me surpreendeu com a resposta: “Você disse. Eu não disse isso. Não vamos preocupar a mãe, por enquanto...”

Fosse qual fosse a doença, o que eu mais queria era descobrir contra o que estávamos lutando. Angustiava-me ter de lutar contra um mal invisível, que aos poucos debilitava nossa filha...

21. Jornal Hospital

A Poli foi internada na noite de sexta-feira, dia 08 de outubro de 2010. Dois dias depois, no domingo, gravamos um vídeo para nos divertirmos. Abaixo, a transcrição do mesmo:

Poliana: É por causa que eu não posso molhar essa mão, aí eu tenho que lavar essa.

Charles: Vamos lá... você está assistindo o Jornal Hospital, o jornal que faz você ficar legal. Poli, você vai lavar a mão?

Poliana: Vou.

Charles: A mão direita ou a mão esquerda?

Poliana: Esquerda.

Charles: Você precisa de alguma ajuda?

Poliana: Sim.

Charles: Chame o super-pai.

Poliana: Ah, super-pai... Me ajuda a lavar a mão?

Charles: Sim, vamos lá! Estamos fazendo o jornal hospital, o jornal que você assiste e já fica legal. Onde você está indo agora? Vai falando para os nossos telespectadores de todo o Brasil.

Poliana: Estou indo para o banheiro.

Charles: Vamos filmar você no banheiro! Nossa, uma cena nunca... Estamos fazendo uma cena inédita no Brasil: uma menina de nove anos no banheiro. O que será que ela vai fazer? (risos)

- Opção 1: lavar a mão.
- Opção 2: lavar o dedo.
- Opção 3: lavar o pulso.

Agora ela está abrindo a torneira. Observe como esse sabão, ele vai automaticamente na mão dela. O sabão vai até a mão dela e ela começa a trabalhar... fazendo a lavagem de mão. Você pode ver a menina inteira no espelho, e o pai dela filmando, ou você pode ver apenas a menina em carne e ossos. Talvez mais carne, talvez mais ossos.

A torneira vai ser aberta um pouco mais agora e você vê esse grande momento de uma menina lavando a mão no hospital. Fechando a torneira e dirigindo-se até a toalha.

Vamos passar esse programa no jornal do hospital. Não perca! Até a próxima! Diga tchau...

Poliana: Tchau. (risos)

22. Nossa Primeira Transferência

Após a primeira semana de internação, fomos informados de que nossa filha seria transferida para outro hospital, onde haveria mais recursos para tratá-la. Optamos por levá-la a Barra Mansa, onde trabalhava o hematologista que já vinha acompanhando o caso, na mesma cidade da neuropediatra.

O responsável pelo hospital nos informou que a transferência seria para uma UTI (Unidade de Terapia Intensiva), mas que não deveríamos nos preocupar, pois era apenas uma medida de precaução, em virtude da baixa imunidade com a qual se encontrava nossa filha.

Conseguir a remoção de ambulância foi um verdadeiro pesadelo. Primeiramente, foi-nos explicado que como havíamos dado entrada no hospital pelo plano de saúde, não poderiam levá-la a Barra Mansa gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde.

Fui conversar com as responsáveis pela ambulância, que consultaram a tabela de quilometragem (Angra a Barra Mansa) e me informaram que custaria R\$780,00. Levei um susto. Embora tivesse esse dinheiro, pretendia utilizá-lo para outros fins (remédios, exames, alimentação).

Percebi que as atendentes ficaram constrangidas em me apresentar a tabela de preços. Perguntei-lhes se havia alguma

opção alternativa. A mais novinha me respondeu com outra pergunta:

-- O senhor tem algum 'peixe' na prefeitura de Angra ou de Paraty?

Surpreso com a ingenuidade da moça, respondi:

-- Eu conheço algumas pessoas na cidade, mas para ser atendido numa questão de saúde, a gente tem de conhecer algum 'peixe'? Não faz sentido...

A garota ficou um pouco envergonhada, e saí da sala, dizendo que iria pensar um pouco...

Voltei ao assistente social e questionei-lhe sobre o assunto. Meus argumentos eram os seguintes:

- Eu pagava o INSS regularmente.
- Pagava também o imposto de renda.
- A empresa onde eu trabalhava contratou o plano
- E eu estava sendo penalizado por isso?

Saí da sala, e fiquei andando pelo corredor. Telefonei a um amigo (advogado) e perguntei-lhe o que eu deveria fazer. Ele me pediu que esperasse alguns minutos, que iria fazer alguns contatos para me ajudar...

Dessa vez, fiquei parado, recostado à parede, pensando nas ironias da vida... Como eu tinha o dinheiro, estaria fazendo 'tempestade num copo d'água'? Por outro lado, aquela

cobrança não me parecia justa, e era meu dever zelar pelas finanças a nosso dispor.

Nesse ínterim, o assistente social apareceu de novo, e disse que eu não precisaria mais me preocupar, pois tomaria conta do caso.

Voltei ao quarto com as boas notícias. Mais um leão havia sido morto, pensava. Na verdade, ele havia apenas adormecido...

Na manhã seguinte, no horário marcado para a remoção, o infeliz voltou a bater na mesma tecla. Não havia ambulância disponível, e precisaríamos pagar aqueles ‘setecentos e oitenta dos infernos.’

Como minha filha estava em boas condições de viajar, perguntei ao representante do hospital se poderíamos fazer a remoção de táxi (no valor de duzentos e cinquenta reais). Ele disse que seria arriscado...

Não me lembro mais do que fiz, nem do que falei (algo sobre chamar a televisão, o jornal local, etc), mas finalmente deram o braço a torcer e nos informaram que haviam ‘conseguido um jeito’ para nossa viagem.

Você Sabia?

Algumas cirurgias para correção de lábio leporino levam menos de 45 minutos...

E o sorriso da criança dura a vida inteira!

**Conheça a Operação
Sorriso Brasil:**
operationsmile.org.br

Perto das onze da manhã (a remoção havia sido marcada para as oito) entramos na ambulância, rumo a Barra Mansa.

Minha esposa e eu estávamos exaustos, mas com o coração cheio de esperança de que dias melhores nos aguardavam...

23. Nossos Dias em Barra Mansa

Ao chegarmos à Casa de Saúde Santa Maria, fomos muito bem atendidos. Tivemos a grata satisfação de encontrar o médico que havia cuidado dos nossos outros três filhos quando eram bem pequenos, o Dr. Hamilton. Ele era um dos sócios do hospital, e os outros profissionais também eram de ótima qualidade.

Após acomodarem a Poliana no quarto de isolamento (todo rodeado de vidro), nos orientaram sobre os procedimentos e demonstraram que a tratariam com todo o carinho e atenção. Desde aquele momento sentimos que estávamos em boas mãos, e eles mantiveram o mesmo grau de atendimento durante todo o tempo que estivemos lá.

Embora as instalações e a equipe fossem excelentes, havia algumas restrições para nós se tornaram novos desafios: a Poli não poderia escovar os dentes, tomar banho ou ir ao banheiro. Além disso, sua comida viria triturada, como papinha de neném.

A nova situação a deixou assustada, mas ficamos ali juntinhos, prontos para apoiá-la em seus momentos mais difíceis.

Como nos trouxeram um mini aparelho de DVD, comprei alguns filmes e desenhos animados para entretê-la naqueles longos dias em que ela não via sequer a luz do sol.

Você Sabia?

O Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer – GRAAC – é uma instituição sem fins lucrativos, criada para garantir a crianças e adolescentes com câncer o direito de alcançar todas as chances de cura com qualidade de vida, dentro do mais avançado padrão científico.

Informe-se no site

graac.com.br

Assistimos algumas vezes ao desenho 'Feliz Aniversário, Charlie Brown', e lemos juntos alguns gibis. Mas o que mais nos aproximou como pai e filha foi vermos o filme? Mary e Max? por duas vezes. O filme relata a correspondência entre uma menininha australiana e um homem americano, e revela a pequenez, a grandeza e muitos medos da alma humana.

No fim do filme, a menina percebe - já adulta - o quanto sua influência contribuiu para a felicidade daquele estranho que se tornou um amigo.

Nesse hospital, a Poli fez uma biópsia de um dos nódulos do pescoço. Ainda me lembro de

quando o Dr. Tito (um senhor idoso, bem simpático) entrou no quarto conversando sobre os times de futebol do Rio, e examinou a Poli.

Ele disse: "Você está com várias bolinhas no pescoço. Dá uma pra mim?"

A Poli sabia que não tinha escolha. Ela mencionou alguns dias depois que a ela só restava obedecer, pois se quisesse ou não fariam todos os exames do mesmo jeito!?

(Quando se ama alguém de todo o coração, como é duro ver essa pessoa sofrer...)

No dia em que fizeram a biópsia, eu havia retornado a Angra dos Reis para buscar o resultado dos exames. Era uma segunda-feira, e estava voltando do trabalho quando a Martha telefonou, informando-me de que naquela mesma noite seríamos transferidos para a capital, pois a Poli estava com uma doença chamada linfoma, e o tratamento mais adequado só poderia ser feito no Rio.

Anotei a palavra na agenda, para pesquisar na Internet. Como não queria assustar ninguém, escrevi ao contrário:

A-M-O-F-N-I-L.

Ao descobrir que era um tipo de câncer que se manifesta no sangue, percebi que precisávamos tratar o assunto com naturalidade. (Como mencionei, um dos médicos havia preferido nem sequer mencionar a palavra 'leucemia' na minha frente!)

Conversando com minha irmã a respeito, ela mencionou várias doenças que já haviam sido tratadas de forma preconceituosa ao longo da História, como a lepra na antiguidade (hanseníase, hoje em dia), tuberculose no século XVIII, etc.

Se por um lado queríamos obter mais informações seguras sobre a doença? sem nos furtarmos a encarar a realidade? por outro decidimos evitar especulações. Assim, combinamos em família que quando as pessoas nos perguntassem sobre o assunto, diríamos que era uma ‘doença do sangue’, e que os médicos estavam pesquisando os detalhes...

=====

Nota:

A cada vez que íamos a Barra Mansa, nossos familiares cediam-nos um espaço aconchegante em suas casas. Giseli, Marcelo, Márcia, Sérgio, Marilza, Marília, Calixto... Foram tantas as manifestações de apoio e solidariedade, que sempre faltam nomes para completar a lista. A todos os que nos ajudaram, mas cujos nomes não figuram neste livro, externo nossos agradecimentos. Seus atos de bondade ficarão para sempre gravados em nosso coração.

24. Rumo ao Rio de Janeiro

Cheguei em casa à noite. Após avisar às crianças e à amiga que estava cuidando deles sobre nossas opções, saí novamente, para pegar o ônibus das onze com um novo endereço na mão.

Você Sabia?

Sete em cada dez pacientes atendidos no hospital do GRAACC são curados.

O Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer mantém esse índice no nível das melhores instituições do mundo.

Em 95% dos casos, o atendimento é gratuito.

Informe-se no site

graacc.org.br

Nossas alternativas pareciam estar diminuindo...

Cheguei ao Rio pouco mais de duas da manhã. Na rodoviária, informei-me sobre o próximo ônibus que passaria perto do Hospital Infantil Samci. Teria que esperar quase uma hora.

Conversei com um cobrador, que me indicou um taxista, e dali a vinte minutos cheguei ao hospital.

No quarto andar, num quartinho minúsculo, contíguo a vários outros quatinhos, estava a Poli, com a Martha sentada ao seu lado. Aquela era a UTI. Em comparação ao que vimos em

Barra Mansa, aquele lugar me pareceu minúsculo, um desafio à parte.

Havíamos levado a referência de um médico especialista em hematologia, mas o mesmo, além de não ser pediatra, não atendia pelo plano. Fomos informados que haviam encontrado um novo médico para acompanhar o caso. Foi uma péssima idéia!

De madrugada, cansados, desorientados, fizemos a única coisa que nos parecia razoável no momento: confiamos. Fui aconselhado a procurar o tal médico na manhã seguinte para mostrar-lhe os exames.

Ligamos para o hematologista de nossa confiança em Barra Mansa e perguntamos-lhe se o procedimento era normal. Fizemos o que nos cabia fazer...

Seguimos em frente.

25. Dias de Incerteza

Ao chegar ao consultório, fiquei um tanto mais calmo. O médico me transmitiu alguma confiança, pois disse que o tratamento iria acontecer em oito sessões, uma a cada vinte e um dias, começando na próxima terça-feira. Voltei ao hospital, comuniquei à Martha, e ficamos aguardando sua visita.

A Poli foi liberada da UTI e passou para um quarto coletivo no terceiro andar. Havia três leitos, dois dos quais estavam vazios. A Martha e eu ficamos nos sofás.

Já era quase meia-noite quando nos disseram que não poderíamos ficar juntos no quarto. Como não tínhamos uma casa de apoio ali por perto, decidimos que era hora de contratar um quarto particular. Eles providenciavam uma cama extra, e assim nossa família teve um relativo sentimento de privacidade e conforto... Ficamos muito felizes.

No dia seguinte, o médico veio nos visitar ao cair da tarde. Conversou com a Poliana, explicou-lhe claramente sobre a queda dos cabelos, e tranqüilizou a Martha no tocante ao tratamento. Antes de sair, deu-lhe um abraço – o qual a fez acreditar que nosso caso estava em boas mãos...

Os dias foram se passando, os exames de sangue continuaram sendo coletados regularmente, e ficamos aguardando a tão esperada terça-feira para darmos início ao tratamento.

Nos dias que se seguiram, o médico apareceu apenas mais uma vez, conversou conosco por uns cinco minutos e nunca mais deu notícias. O quadro de saúde da Poli começou a se agravar...

Voltei ao consultório (do outro lado da cidade) para cobrar uma posição sobre o caso, e ouvi o comentário: “O caso da sua filha não tem a mínima urgência. O que precisamos obter com exatidão é o diagnóstico... Para começar com o tratamento certo.”

Essa e outras frases minaram por completo minha confiança nesse médico, e fiquei pensando no que deveria fazer. Na noite de terça, não havendo recebido dele sequer um telefonema, fiquei acordado na sacada do hospital, e vi como num filme cada uma das cenas que havíamos presenciado. O desdém, a frieza e a falta de profissionalismo ficaram evidentes. Já estava mais do que na hora de tomarmos uma atitude...

Ao recordar essas cenas, tenho um sentimento mais tranquilo hoje em dia. Cada um de nós é responsável pelas escolhas que faz, e com certeza daremos conta do que fazemos ou deixamos de fazer. Na época, entretanto, fui tomado por sentimentos de revolta, e obviamente cheguei a imaginar maneiras de ‘acertar as contas’ com o tal ‘médico’.

O tempo, a compreensão de minha esposa, e uma esperança crescente na continuidade da vida continuam ampliando minha perspectiva...

26. Hora de Mudar

Na manhã seguinte, procurei a direção do hospital e expliquei-lhes nosso dilema. Informaram-nos que conheciam os melhores profissionais do Rio desde o princípio, mas que não poderiam oferecer os serviços deles, pois eram particulares e caso estivéssemos sem os recursos financeiros, poderíamos ficar constrangidos.

Ajudaram-nos a encontrar um dos melhores hematologistas pediátricos (pra mim, o melhor), e tivemos o prazer de conhecer o Dr. Paulo Ivo, que viria a se tornar um anjo em nossas vidas.

Por telefone, conversamos trinta e dois minutos, e ele me tratou como se fossemos velhos amigos. Esclareceu minhas dúvidas e disse que por questões éticas só poderia assumir os cuidados pela Poliana se o médico anterior entrasse em contato com ele e lhe passasse a responsabilidade. Percebi que estava tratando com um profissional de verdade, alguém que realmente se importava com as pessoas...

Assim, topei o desafio. Custe o que custasse, a situação precisava mudar. Determinado, voltei ao consultório do médico anterior. Fui tratado com extrema falta de profissionalismo, mas fiz de tudo para me controlar.

O esforço foi tão grande que acabou gerando um estresse emocional gigantesco. Meus sentimentos eram de raiva e revolta, mas precisei controlá-los ao máximo, pois meu objetivo era o bem-estar da Poli, e perder a linha naquele momento tão delicado seria bastante prejudicial.

(Cheguei a gravar o início da nossa conversa, mas depois apaguei tudo. Não vale à pena mencionar os detalhes, mas aquele foi um dos maiores desafios da minha vida...)

Após conseguir os documentos dos quais necessitava – e os detalhes por escrito do tratamento até aquele ponto – voltei ao hospital para conversar um pouco e aguardar a hora de começarmos uma nova etapa.

Às sete da noite, lá estava eu no consultório do Dr. Paulo Ivo, com todos os exames em mãos. Começamos a consulta pouco depois das oito. Ele analisou os exames calmamente por um bom tempo. Estudou sobre o tratamento num manual grosso que retirou da estante e disse que não haveria necessidade de maiores exames de biópsia, pois os exames de sangue já indicavam leucemia.

Percebendo a gravidade da situação, ligou para o hospital e solicitou que fizessem uma transfusão de sangue imediatamente para a Poli e disse que ainda estudaria o caso naquela mesma noite.

Na manhã seguinte acordei bem cedinho, e comecei a escrever sobre todo o tratamento, desde nossa chegada ao Rio. Meu

intuito era manter um registro de tudo o que havia acontecido, na intenção de facilitar nossa busca por justiça, caso decidíssemos processar o médico anterior num futuro próximo.

Escrevi umas seis páginas, e quanto mais eu escrevia, mais aumentava minha raiva, devido ao descaso com que tínhamos sido tratados até então.

Era quinta-feira. Liguei para um colega que havia conhecido no domingo anterior, um senhor muito simpático de oitenta e nove anos, e conversamos longamente. Chorei bastante, e desabafei com ele o que estava sentindo. Ele me disse algumas palavras de consolo, me deu bons conselhos, e me ajudou a me acalmar.

Após o telefonema, conversei com a Martha, que sugeriu deixarmos o assunto para outra fase de nossa vida, e nos concentrarmos na recuperação da Poli. Aceitei a sugestão e rasguei tudo o que havia escrito. Fez-me muito bem.

Você Sabia?

A Medula Óssea é o tutano dos nossos ossos: um tecido esponjoso, presente na maioria do interior dos nossos ossos chatos.

Ela é responsável pela produção do nosso sangue.

Para saber mais, visite

inca.gov.br

(Como são úteis os conselhos dados com clareza num momento de ansiedade ou confusão. Em nossos desafios mais difíceis, sempre pude contar com o apoio da Martha. Com seu ouvido atento e sua paciência, ela sabe fazer as coisas voltarem ao equilíbrio.)

Lá pelas oito da manhã, o Dr. Paulo Ivo chegou, em companhia do anestesista (Dr. Humberto), para fazer o exame de mielograma - que consiste na retirada de um líquido da coluna, sob anestesia geral. O objetivo é classificar o tipo de leucemia, a fim de iniciarmos o tratamento. Eles foram bem atenciosos, e fizeram jus ao lema do Dr. Ivo: “Criança comigo não sente dor.”

Após o exame, entraram em contato a direção do hospital solicitando a transferência da Poli para o Prontobaby - um hospital dedicado exclusivamente ao atendimento pediátrico - onde sua equipe teria melhores condições de atendê-la.

Ao entardecer, despedimo-nos da equipe de enfermagem, do pessoal da administração, dos outros pacientes, e entramos de novo na ambulância.

A cada transferência, renovavam-se nossas esperanças...

27. Nosso Lema

Durante o tratamento, a Poli utilizou suas próprias técnicas para aprender a esperar...

Os exames de ressonância magnética em especial – que foram realizados em três ocasiões diferentes – deixaram nossos nervos à flor da pele. Em princípio, por não conhecermos os procedimentos; depois, pelo desconforto dos ruídos.

Acompanhei o primeiro exame bem de perto. Nossa guerreira fechou os olhos, segurou a bombinha de comunicação e manteve-se calma enquanto a máquina fazia todos aqueles barulhos ensurdecedores.

Ao final do exame, perguntei-lhe como conseguira manter a calma durante tanto tempo. Com toda a simplicidade que lhe era característica, ela respondeu:

- Eu fiquei contando...
- E até quanto você chegou?
- Até quatro mil e quatrocentos.

A cada dia no hospital, aprendíamos valiosas e inesquecíveis lições. Lembro-me de um dia em que, já exausta de tanto realizar exames de sangue, ela sentou-se na cama, fechou os olhos, e disse:

- Mãe, eu preciso ter fé e paciência. Fé e paciência.

Enquanto observávamos a persistência da Poli no tratamento, percebemos que a mesma receita se aplicava a nós também: fé e paciência... Suas palavras ainda hoje ecoam como nosso lema familiar.

Durante o tempo das internações, escolhemos também um versículo 21 da seção 123 de Doutrina e Convênios para nos fortalecer:

“Portanto, amados irmãos, façamos alegremente todas as coisas que estiverem ao nosso alcance; e depois aguardemos, com extrema segurança, para ver a salvação de Deus e a revelação de seu braço.”

E assim continuávamos, dia após dia, fazendo de boa vontade tudo o que estava ao nosso alcance, e aguardando com fé e paciência o alívio daquela situação tão adversa...

28. Quanto Vale Um Amigo?

Enquanto estávamos no Samci, recebemos um telefonema de uma amiga de Angra dos Reis, que passou o telefone de sua irmã (vizinha do hospital), e nos ofereceu apoio e hospedagem, caso precisássemos.

Como tínhamos nossas necessidades básicas atendidas, agradei e anotei o telefone, sem imaginar o quanto essa pessoa faria por nós, nem o quão importante ela se tornaria em nossa vida.

Antes que eu telefonasse, a mulher nos visitou no hospital, em companhia do marido. Vieram oferecer pessoalmente a ajuda, e compartilharam conosco preciosas palavras de amizade e conforto. (Fátima e Arthur são dois nomes que serão sempre lembrados com carinho lá em casa.)

Nos dias que se seguiram, nossa amizade foi se fortalecendo cada vez mais. Lavou para nós algumas peças de roupa (que não poderíamos lavar no lavatório ou no chuveiro), e prestou todo o apoio que lhe fosse possível.

Naquela semana, a Poli disse que estava com vontade de comer canjica. Compramos num mercado próximo, e a Martha iria prepará-la na casa da Fátima. Como havia muitos exames pra fazer (e a companhia da mãe era confortadora ao lado da filha) a Fátima se colocou à disposição para preparar a canjica.

Você Sabia?

A Medula Óssea não tem nenhuma ligação com a medula espinhal e nem com a coluna vertebral.

Acesse a Cartilha dos Doadores Voluntários de Medula Óssea:

abrale.org.br

No dia seguinte, havia canjica para um verdadeiro batalhão no quarto do hospital. Foi suficiente para todos nós – que comemos algumas vezes – e ainda bastou para uma família que estava no quarto ao lado!

Ao lembrar-me dessas pessoas que se doaram tanto para aliviar nosso fardo, vêm-me à mente as palavras de Jesus:

“E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me...”

29. Um Anjo em Nossa Casa

Enquanto íamos de hospital em hospital, precisávamos de alguém que cuidasse de nossa filha de quatorze anos, e dos dois rapazes de onze e doze.

Contamos nesse período crítico com a ajuda de nossa amiga Alice. (Ou Super-Alice, como nossos filhos a apelidaram). Ela foi a ‘mãe’ da casa durante todo aquele período crítico.

Aos poucos ela foi conquistando total autonomia para agir nos assuntos da casa.

Quando alguém nos telefonava perguntando se poderiam levar as crianças pra passear no fim-de-semana, dizíamos que elas estavam aos cuidados da Alice, e o que ela decidisse seria a decisão que apoiaríamos.

Você Sabia?

O Brasil mantém o maior programa público de transplantes do mundo.

Como as chances de se encontrar um doador compatível fora da família podem ser de uma em um milhão, sua participação é fundamental.

Informe-se no site do Sistema Nacional de Transplantes:

saude.gov.br/transplantes

Ela os levou à igreja, ao posto de saúde, acompanhou-os em suas tarefas escolares, levou-os para tirar foto e fez a renovação de matrícula no prazo correto.

Organizou a documentação que lhe pedimos, e chorou diversas vezes conosco ao telefone. Embora expressasse sua tristeza em particular, na frente das crianças ela procurava demonstrar ser ‘forte’, para ajudá-los a suportar nossa ausência e enfrentar as incertezas...

Ou seja, ela fez tudo o que pode para consolar, confortar e amparar a cada um de nós naqueles momentos que mais precisamos dela...

Por isso, lhe seremos eternamente gratos!

30. Churros

Depois que o Dr. Paulo Ivo assumiu o caso, fomos novamente transferidos. Desta vez, do Hospital Samci para o Prontobaby. Fizemos aquela última viagem de ambulância no fim da tarde de quinta-feira, 28 de outubro de 2010.

Ao chegarmos, a Poliana foi ficou numa enfermaria no andar térreo, em companhia de outras crianças, enquanto preparavam uma vaga no quinto andar – destinado em parte aos pacientes que estavam em tratamento de quimioterapia.

Como fomos aconselhados a ficar perto do hospital mesmo após a alta (a fim de sermos atendidos prontamente em caso de febre), saí para procurar um apartamento para alugar.

Havia andado uma ou duas quadras quando avistei um carrinho de churros do outro lado da rua. A Poli adorava churros, e é óbvio que mudei meus planos. Comprei dois churros, e retornei imediatamente ao hospital.

A Poli estava sem comer a muitas horas, pois havia recebido uma transfusão de sangue até às duas da manhã, e às seis e meia do mesmo dia foi para o centro cirúrgico para o exame de medula óssea. Comer seu doce preferido seria como um manjar dos deuses!

Cheguei apressado ao hospital. No corredor que dava acesso à enfermaria, um garoto de três ou quatro anos percebeu o

pacote na minha mão e perguntou o que era. “Uma surpresa!” – respondi.

Com a autorização do pai do menino, pedi-lhe que esperasse um pouquinho, e fui conversar com a Poli. Mal havia chegado até ela quando o garotinho foi chamado pelo médico e começou a gesticular em minha direção, apavorado. É claro que estava me avisando para entregar a surpresa que eu havia prometido!

Fui até ele, entreguei-lhe um saquinho vazio, e virei um dos churros, devagarinho.

-- Segura firme, que vai cair a surpresa. Se cair mais de uma, você devolve para o tio...

Os olhos do menino estavam vidrados. Ele estava mais interessado na ‘supressa’ do que em ver o médico... Terminada a operação, agarrou novamente a mão do pai e foi para sua consulta, contente da vida.

Retornando à enfermaria, entreguei o churro da Poli. Ela sentou-se na cama, começou a comer como quem delicia um manjar (apertou para que o doce de leite saísse com mais abundância), agradeceu e se deitou novamente, de olhos fechados.

Contei-lhe então o episódio sobre o garotinho, ao que ela ouviu atentamente. Quando terminei, ela abriu os olhos e perguntou bastante interessada:

-- Ele ficou feliz?

Respondi que sim, admirado por sua capacidade de pensar no bem-estar do próximo em condições tão adversas.

-- Ele vai ficar internado aqui também? Perguntou-me novamente, dessa vez de olhos fechados.

Respondi que não sabia, pois havia conversado pouco tempo com o pai do menino. Ela abriu bastante os olhos, como se fosse fazer uma pergunta muito importante, e continuou:

-- O pai dele ficou feliz?

Fiz que sim com a cabeça e, como não conseguia articular palavra, fiquei quieto, enquanto passava a mão devagarinho nos cabelos dela.

Havia chegado a hora de subirmos para o quarto.

=====

Você Sabia?

Em 1979, uma criança brasileira com diagnóstico de câncer tinha apenas 15% de chances de sobrevivência.

Um brasileiro decidiu fazer a diferença, e trabalhou trinta anos para elevar esse índice de forma considerável.

*Conheça a inspiradora história do **Dr. Sérgio Petrilli**, no site:*

revistasorria.com.br

Nota: Muitas vezes me pergunto o que me levou a escrever essa história. Dentre tantos motivos louváveis, um deles é para que aqueles que não tiveram o privilégio de conviver com a Poliana nesta vida, possam conhecer um pouco deste coração maravilhoso, e responder por si mesmos à pergunta:

-- *Ele ficou feliz?*

31. A Verdade de Cada Um

Tivemos de mudar a Poli de maca para irmos da enfermaria para o quarto. Não foi uma tarefa fácil, pois ela já estava um tanto fragilizada.

Sem considerar a situação delicada pela qual passávamos, ao entrarmos no elevador o enfermeiro teve a infeliz idéia de anunciar detalhes do tratamento:

-- Nos próximos trinta dias, ela vai fazer exame de sangue todo dia.

Respondi de primeira:

-- Você poderia poupar a menina dessa informação...

Ele insistiu:

-- Você sabe o que ela tem, não sabe? Aqui não escondemos a verdade de ninguém!

-- Não estou pedindo a você que minta, apenas que comunique o que precisa ser comunicado numa hora mais conveniente... Depois a gente conversa...

Dito e feito. Tão logo que a Poli estava instalada, fui para o corredor continuar nossa 'conversa'. Ele me passou mais algumas informações, do tipo: "Esse ano ela não estuda mais, vocês não podem ter mais animal em casa..."

Você Sabia?

***A Operação Sorriso
Brasil divulga em seu
site um calendário
anual de triagens,
cirurgias e
procedimentos pós-
operatórios na
correção de lábio
leporino infantil.***

***Fique por dentro, e
ajude uma criança a
sorrir:***

operationsmile.org.br

Contei-lhe sobre os dias difíceis que já havíamos enfrentado até então, e falei sobre a importância de se considerar os sentimentos das pessoas. Ele se mostrou um pouco mais compreensivo.

Quando voltei ao quarto, a Martha comentou: A Poli falou assim... “O papai brigou com o enfermeiro.”

Afirmei-lhe que estávamos lá por ela, e que ‘brigaríamos’ com quem quer que fosse pelo seu bem-estar...

Para os pais que amam seus filhos, defendê-los é uma atitude natural.

32. Escolhas

Na mesma noite da internação (quinta-feira, 28 de outubro de 2010), passamos a madrugada em claro ajudando a Poliana a enfrentar seu crescente desafio.

Logo após a meia noite, ela vomitou pela primeira vez. Minutos mais tarde, vomitou de novo. Daí pra frente – até o amanhecer – ela teve ânsia inúmeras vezes. Como não havia nada em seu estômago, não entendíamos o porquê...

Mesmo assim, a cada vez que ela vomitava, nós a incentivávamos, acreditando que a situação estivesse melhorando, pois seu estômago estava ficando limpo. Quando a enfermeira entrou no quarto, procuramos animar a Poli, anunciando seu êxito: “Ela conseguiu, ela conseguiu!”

Ao recordar a experiência, me lembro do filme ‘A Vida é Bela’, no qual um pai procura consolar o filho num campo de concentração, envolvendo-o num jogo de faz-de-conta para que ele não perceba as dificuldades da vida real.

Nosso caso era um pouco diferente. Ao mesmo tempo em que procurávamos animar a Poli diante dos desafios, também acreditávamos todo o tempo em sua recuperação.

Ora nossa atitude se parecia com a do pai retratado no filme, ora agíamos e sentíamos como o garoto, participando de um grande jogo.

Quão grande foi nossa surpresa ao perceber que – durante toda aquela madrugada sem fim – a situação continuava se agravando...

E de uma forma que nos escapava cada vez mais ao controle.

33. Despedida

Durante a primeira madrugada de internação no Hospital Prontobaby, passamos todo o tempo ao lado da Poli, fazendo carinho em seu rosto, costas, pernas, braços, barriga.

Enquanto a Martha lhe fazia carinho, eu continuava abanando seu corpinho.

Sua única alimentação no dia anterior havia sido aquele churro que comprei perto do hospital. Quando o jantar chegou, ela não estava mais em condições de se alimentar...

Perto da meia-noite ela vomitou bastante. Minutos mais tarde, vomitou outra vez. Fui correndo chamar a enfermeira, pois dessa vez formou-se um pequeno coágulo em seu olho esquerdo.

Ela estava inchada, pois havia tomado muitos medicamentos, e seus rins não funcionavam mais a contento. A enfermeira ensinou à Martha como fazer a análise da urina, e ficamos atentos, para coletá-la em um recipiente. Da primeira vez, coletamos uma pequena quantidade. Da segunda, apenas metade da primeira...

Daí em diante, a solução era foi aplicar uma sonda. Tivemos que sair da sala para o procedimento. Quando estamos numa condição de extrema fragilidade, não ousamos questionar...

O Dr. Daniel chegou bem cedinho. Havia vindo substituir o Dr. Paulo Ivo, que viajara para participar de um congresso no exterior.

Analizou cuidadosamente o caso, conversou conosco, receitou novos medicamentos para normalizar o funcionamento dos rins. Para nós, era muito difícil ver nossa pequena princesa retendo líquido por todo o corpo...

Recebemos a visita de uma representante do hemocentro, que veio trazer as remessas de sangue e plaquetas para uma transfusão. Conversou conosco sobre a necessidade de encontrarmos doadores para repor o sangue utilizado.

Ela se mostrou bastante sensível à nossa condição, deixando claro que não se tratava de uma obrigação, mas apenas uma forma de continuarem a prestar o serviço a outros pacientes.

Entrei logo em contato com alguns parentes e amigos, que se prontificaram a fazer a doação no dia seguinte. Quase no fim da tarde, a Poli começou a perder vagamente a consciência. (Em respeito a todos os que vivenciamos esse momento, não acrescentarei qualquer detalhe a respeito...)

A situação foi se complicando até o ponto que chamei o médico no corredor, e disse-lhe que ela precisava de um atendimento de emergência. Ele viu o quadro, manteve a calma, e informou às enfermeiras que ela seria transferida para a UTI imediatamente.

Aí, começou a correria. Corre daqui, corre dali, não encontravam o aparelho de respiração artificial, e nós ali, naquele sentimento de total impotência. (O médico enfatizou a necessidade de o equipamento ser mantido ali perto.)

Por fim, colocaram-lhe a máscara, transferiram-na para a maca, e saímos todos, a Poli, a Martha, eu, as enfermeiras e o médico, rumo à UTI. Entramos no elevador e descemos do quinto para o quarto andar.

Ao lado da Poli, percebi que ela ia aos poucos perdendo a consciência. Sussurrei-lhe o quanto a amava, e reafirmei que ela poderia 'ir' tranqüila, pois um dia estaríamos juntos novamente. Palavras não podem descrever o que sentimos naquele momento. Eu sabia que estava vivendo a despedida mais dura de toda a minha vida...

Quando a porta da UTI se fechou, senti a dor da perda que – penso eu - somente um pai ou mãe poderão compreender. Abracei a Martha e falei baixinho:

--Estamos perdendo nossa filha, Amor...

34. O Inesperado Acontece

Subimos novamente para o quartinho onde havíamos estado antes. Apaguei as luzes, desliguei os aparelhos da tomada, me sentei num banquinho. A Martha sentou-se ao meu lado. Ficamos abraçados, esperando que a enfermeira nos trouxesse a derradeira notícia...

Aqueles foram os minutos mais longos das nossas vidas. Depois do que nos pareceu uma eternidade, a enfermeira chegou, cabisbaixa, agachou-se à nossa frente e, apoiando as mãos no joelho da Martha, disse:

-- Ela já está sedada, dormindo, e está sendo medicada.

Daqui a pouco vocês podem ir até lá ficar com ela... Fiquei sem palavras. Como aquela menina tão frágil poderia resistir tanto? Como ela conseguia continuar viva depois de tudo aquilo?

A enfermeira nos instruiu que deveríamos desocupar o quartinho, e que apenas um de nós poderia acompanhar a Poli por vez.

Juntamos nossas coisas, deixamos em um armário no segundo andar. Conversamos um pouquinho com a psicóloga – uma jovem que acertou na escolha da profissão – e voltei para ver a Poli. Ela estava recostada, dormindo como um anjinho, respirando com a ajuda de uma máscara.

Desci para encontrar com a Martha, e fomos para a casa de nossa amiga Fátima.

Depois de um banho, retornamos logo ao hospital. Ao entrar na UTI, já encontrei a Poli respirando com a ajuda de aparelhos. Explicaram-me que ela havia tido uma convulsão, e aquela seria a melhor maneira de protegê-la. Novamente, a cena foi bastante forte. Saí para falar com a Martha, que chorou copiosamente, e não quis entrar para vê-la.

Voltei para conversar com o médico. Disse-lhe que iria para casa dormir um pouco, para estar descansado quando a Poli acordasse do efeito sedativo. Ele concordou. Conversei um pouco com os enfermeiros, beijei a Poli e saí da UTI.

Voltamos, exaustos, à casa da Fátima. Havíamos feito tudo o que podíamos fazer. Naquela noite conversamos por horas – o sono não nos vencia. Lá pelas duas da manhã nos ajoelhamos e começamos a orar...

Como era de se esperar, nossas orações foram mais longas e sinceras do que de costume. Após agradecermos pela força que estávamos recebendo naqueles momentos difíceis, passamos para a parte dos pedidos:

1. A Martha pediu que a Poli ficasse curada, e sem seqüelas.
2. Eu pedi que a Poli ficasse curada, com ou sem seqüelas.

Após concluir a oração, ficamos em silêncio por alguns momentos, e recomeçamos a orar novamente. Dessa vez,

pedimos que o Senhor aceitasse nossa oferta, e que acontecesse o que fosse melhor para a Poli e que Ele reduzisse de alguma forma o sofrimento dela.

Ao utilizar a palavra 'pedimos', estou usando um eufemismo. Na verdade, 'imploramos', aos prantos, de todo o nosso coração.

Quando a Poli foi transferida para a UTI, apenas um de nós poderia permanecer junto dela por vez. A Fátima ofereceu sua casa como um local de apoio. Foi lá que dormimos nossa última noite no Rio, o que provou ser de extrema importância, visto que teríamos muitos assuntos a resolver nos dias seguintes...

Você Sabia?

Localizado na Rua Botucatu, 743, em São Paulo (SP), o hospital do Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer atende crianças de todo o país.

O hospital conta com uma Casa de Apoio muito bem equipada para receber pacientes de outras cidades e estados que não têm condições de se hospedar na capital paulista.

Para saber mais, visite

graacc.org.br

35. Pronto, Baby

Às duas da manhã haviam nos informado que o quadro da Poli permanecia 'estável'. Havíamos dormido na casa da Fátima, após passarmos a madrugada de quinta para sexta cuidando da Poli.

Na manhã seguinte, acordamos tarde. Pedi à Fátima o número do telefone do hospital, e ela veio com uma agenda aberta. Eu li na parte de baixo da página: Prontobaby.

Os olhos da Martha se encheram de lágrimas: "Pronto, baby! É isso. Você não entendeu? Pronto, baby!" Abraçamos-nos, e terminei de teclar os números...

Eram nove e trinta e sete da manhã de sábado, 30 de outubro de 2010 quando ligamos para a UTI do hospital. Desta vez, alguém passou o telefone ao médico, que me disse em tom de alarme:

-- É melhor o senhor vir pra cá urgente, que o quadro dela está muito grave!!!

Senti um baque no peito. Respirei fundo, e comentei com as duas que achava que tudo já havia terminado. (Quando estávamos no quarto, pediram-nos que saíssemos para ajustar uma sonda. Por que precisariam dos pais por perto, num momento de urgência?)

Calcei os sapatos como pude, e fomos para o hospital, cada um de nós apoiado em um dos ombros de nossa amiga Fátima...

As ruas pareceram mais largas, as esquinas mais distantes, e o caminho parecia não mais ter fim. Por fim, chegamos ao hospital.

A Fátima ficou no segundo andar, enquanto a Martha e eu subimos para a UTI, no quarto andar.

Entrei sozinho naquele ambiente amplo, repleto de macas, com alguns pais e mães balançando seus filhinhos no colo... A Martha preferiu aguardar do lado de fora.

Logo ao entrar, percebi que haviam fechado a cortina por todos os lados da maca onde a Poli estava. A tristeza estava estampada no rosto dos acompanhantes das demais crianças... Nosso anjo havia partido desse mundo às nove e vinte daquela manhã.

Ao abrir a cortina azul-clara pelo lado da parede, vi duas ou três enfermeiras com os olhos rasos d'água, carinhosamente cuidando do corpo da Poli. A expressão daquele rostinho angelical era de paz, como de alguém que finalmente havia encontrado o caminho de volta ao lar...

Em seguida, o médico chegou ofegante, lamentando-se por não haverem conseguido salvá-la. Dei-lhe um abraço, e agradei, afirmando que sabia que haviam feito tudo o que podiam para

ajudá-la. Respirei fundo novamente, e saí para dar a notícia para a Martha...

Ao abrir a porta, não pronunciei qualquer palavra. Apenas abri os braços e a abracei minha pequena guerreira com todo o amor que pude reunir.

Continuamos em silêncio por alguns instantes, e ela perguntou: "Aconteceu?!" Fiz que sim com a cabeça, e nos pusemos a chorar...

Enquanto caminhava pela UTI, era nítida a expressão de compaixão e empatia com a qual aqueles pais me olhavam. Alguns acenavam com a cabeça, ninguém pronunciava qualquer palavra. Pareciam querer compartilhar um pouco da minha dor, torná-la mais amena, mais suportável.

Como estavam todos empenhados na cura de seus pequeninos, presenciei um espírito de amor e de solidariedade como nunca antes havia sentido na vida.

36. Um Desafio de Cada Vez

O passo seguinte foi avisar os parentes, e providenciar a documentação para o translado do corpo até Volta Redonda, com uma parada em Angra dos Reis.

Fomos muito bem assistidos pela psicóloga do hospital, e o agente funerário foi tão solícito e cortês quanto pode.

Alguns de nossos parentes estavam a caminho do Serum, para fazer a doação de sangue. Em princípio pensei em deixá-los chegar ao destino, a fim de beneficiar outros que estivessem precisando, mas percebi que seria mais prudente contar com a presença deles para realizarmos todos os trâmites necessários naquela ocasião.

A Alice passou por fax os documentos de que precisávamos, e pegamos carona com o agente funerário rumo ao cartório para fazer o atestado de óbito.

A Martha me acompanhou enquanto o oficial preenchia o documento. Enquanto respondia às suas perguntas, uma a uma, lembrava-me do dia em que tirei a certidão de nascimento de cada um dos nossos filhos...

Ao término, ele passou a ler o documento em voz alta, para que confirmássemos a exatidão do mesmo. À medida que lia, as lágrimas começaram a saltar dos meus olhos, e escorrer pela face. Aquilo sim, parecia uma sessão de tortura consentida!

Terminamos. Enxuguei as lágrimas, e voltamos ao hospital. A Martha ficou em companhia dos outros parentes, e partimos de novo, dessa vez rumo à funerária para a escolha da urna.

Quando minha sogra faleceu, coube ao meu cunhado Maurício e a mim essa penosa tarefa. Estávamos juntos de novo, mas dessa vez a situação era diferente...

Embora comprar um caixão seja uma tarefa difícil por natureza, naquele momento percebemos que a compra de um caixãozinho branco pode trazer uma dor infinitamente mais intensa. Aquele foi um dos deveres mais tristes que já desempenhei – e que nunca havia imaginado fazer.

O reconhecimento da transitoriedade da vida em momentos como esse faz com que alguns assuntos sobre os quais discutimos no dia a dia - como descontos quando compramos mercadorias ou desentendimentos entre vizinhos - passem a ser completamente banais.

Ao chegarmos à funerária, minhas forças se exauriram. Meu cunhado entrou no bar ao lado para comprar um salgado, e tentei acompanhá-lo. Minha visão se turvou, peguei o salgado sem guardanapo e me sentei à entrada do bar.

Alguns homens que bebiam junto ao balcão ficaram observando minha atitude incomum, enquanto eu tentava empurrar goela abaixo aqueles pedaços de coxinha com refrigerante.

O representante da funerária me fez perguntas, bastante difíceis de responder: “Qual é a altura da criança?” “O que vocês preferem sobre a tampa, um enfeite em forma de cruz ou da Bíblia?”

Combinamos o valor do serviço, pagamos e saímos, aliviados por concluir aquela etapa tão penosa.

Enquanto voltávamos ao hospital, no carro do funcionário da funerária, senti vontade de agradecer aos profissionais que haviam nos atendido no Hospital Samci.

Liguei, mas ninguém atendeu ao telefone. Entretanto, o toque de espera foi um sinal de que dias melhores estavam por vir. Era uma música conhecida, cuja letra dizia...

Para ser feliz é preciso crer
Nesse céu azul, na imensidão,
É fazer das estrelas, estrelas a mais,
E do pranto uma canção!
Há um mundo bem melhor

Você Sabia?

O ato de escrever pode exercer efeitos terapêuticos sobre quem escreve.

Caso queira ajuda para registrar algum evento que lhe marcou, ou para escrever a história da sua vida, contate o autor no site

charlesnunes.com

Todo feito pra você,
É um mundo pequenino
Que a ternura fez!

Essa letra fez-me recordar de um programa que assistia quando criança. E a esperança de um 'mundo melhor' era exatamente o que eu precisava naquele momento!

Como acontece com qualquer pessoa que tenha perdido um ente querido, fiquei atordoado por algum tempo. Mesmo assim, eu sabia que teria muitas tarefas a cumprir, decisões a tomar, pessoas com as quais conversar e consolar. Mas no fundo mesmo o que eu mais queria era simplesmente...

Descansar.

37. Rio, Angra, Volta Redonda

Tomadas as providências necessárias, partimos do Rio quase no fim da tarde, rumo a Angra dos Reis, onde faríamos uma homenagem na igreja, para que todos os amigos tivessem a oportunidade de se despedir.

Deixamos a organização do funeral por conta de amigos, e fomos nos reencontrar com nossos filhos que estavam longe de nós há uma semana. Retornar para o encontro deles foi um momento bastante especial.

Nos abraçamos, choramos, e fizemos juntos uma oração em prol da Poliana e da união de nossa família.

A seguir, entramos na van, rumo à capela de Angra dos Reis. Como moramos a quase uma hora do local, tivemos tempo para conversar e nos confraternizar durante o trajeto.

Eram mais de onze horas, quando sentamo-nos no primeiro banco, e após uma breve reunião, recebemos de um a um os cumprimentos de todos os presentes.

As crianças fizeram desenhos e escreveram cartinhas de despedida, que foram colocadas junto à Poli. Uma amiga deu uma boneca, e a Martha prometeu que seria recolocada no mesmo lugar na hora do enterro.

Você Sabia?

O hospital do GRAACC (Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer) realiza mensalmente cerca de 2.500 atendimentos, entre sessões de quimioterapia, consultas, procedimentos ambulatoriais, cirurgias, transplantes de medula óssea.

Em 95% dos casos, o atendimento é gratuito.

Informe-se no site

graacc.org.br

Era pouco mais de meia-noite quando deixamos o estacionamento da capela de Angra dos Reis. Como o falecimento ocorreu na véspera do aniversário de treze anos do nosso filho Arthur, precisávamos encontrar maneiras de marcar a data com lembranças alegres também.

Na mesma minivan que nos trouxera do Rio (gentilmente cedida pela empresa na qual trabalho) seguimos para Volta Redonda, onde seria feita a despedida final na manhã seguinte, pois a maioria dos nossos parentes mora por lá.

Tão logo o veículo ganhou a pista, começamos a cantar o 'Parabéns pra Você' em homenagem ao Arthur - com

todo o ânimo que nos foi possível reunir... Fizemos um retorno para pegar a rodovia, e passamos cantando em frente à capela onde havíamos chorado minutos antes.

Foi uma cena inesquecível ver o rosto do Arthur se iluminar de repente, ao perceber que também merecia nossa atenção. Aquele momento foi uma ilha de esperanças num mar de tristezas, uma lembrança de que sempre haverá um dia após o outro, por mais longa que a noite possa parecer...

Na noite de domingo, repetimos a cena, dessa vez no sítio da família Pereira, onde tantas vezes nos reunimos em companhia da 'Vó Terezinha', que conseguia nos fazer sentir bem mesmo sem dizer uma única palavra. Sua satisfação era notória ao ver os filhos e netos em harmonia...

Chegamos em Volta Redonda às três e meia, e encontramos familiares e amigos que estavam nos esperando desde o dia anterior. Organizamos os preparativos, e nos sentamos para descansar. Aproveitando a maciez dos bancos, deitei-me no colo da Martha...

E apaguei.

38. Amigos de Longe

Enquanto voltávamos do Rio para Angra dos Reis, recebemos uma ligação de nossos amigos de longa data, Marcelo e Tânia, trazendo suas palavras de consolo como só os amigos verdadeiros sabem fazer. Nos ligavam de Curitiba, no estado do Paraná.

Eles comentaram que não havia encontrado passagens de avião ou ônibus e a documentação do carro estava vencida, não poderiam comparecer naquele momento para nos dar um abraço fraterno. Agradecemos, compreendemos a situação e ficamos consolados com a preocupação deles.

No dia seguinte, em Volta Redonda, quando já estávamos nos preparando para nos dirigirmos ao cemitério, qual não foi nossa surpresa ao encontrarmos o casal ali na fila, pronto para nos abraçar!

Ainda de uniforme, o Marcelo havia saído do serviço e viera direto para a capela, viajando por horas e horas de Curitiba a Volta Redonda.

Nos abraçamos animadamente, choramos juntos e, como de costume, rimos no final ao lembrarmos algumas situações divertidas pelas quais havíamos passado em anos anteriores.*

Muitos dos presentes perceberam aquele homem de uniforme azul e sua esposa, e ao ouvirem a história, comentaram:

Você Sabia?

*Baixo peso ou baixa
pressão arterial não
impedem seu
cadastramento como
Doador Voluntário de
Medula Óssea.*

*Conheça a Associação
Brasileira de Linfoma
e Leucemia:*

abrale.org.br

-- É... A Poli era muito amada
mesmo.

=====

Nota: Talvez possa parecer um
pouco fora de contexto nossa
demonstração de alegria em
pleno funeral, mas certas
pessoas têm a capacidade de
evocar em nós lembranças
felizes e de aliviar os fardos do
dia a dia de forma natural...

39. Amigos de Perto

Durante todo o tempo em que acompanhamos a Poli, tivemos o apoio de amigos que se mostraram verdadeiros gigantes no companheirismo. Dois deles foram o Irani e sua esposa Regina.

Nossa amizade começou em 2007, quando participei de uma entrevista na Rádio Cidade do Aço FM, ao lançar o livro ‘As 365 Palavras Mais Comuns da Língua Inglesa’.

Foi ele o responsável por nossa mudança para Angra dos Reis, ao me convidar para trabalhar no Projeto de Substituição dos Geradores de Vapor de Angra 1. Voltamos a trabalhar juntos novamente na construção da Usina Nuclear de Angra 3.

Havíamos participado da cerimônia de casamento de sua filha, e me lembro vividamente de sua alegria ao entrar com ela na igreja.

Durante a cerimônia de homenagem à Poli que fizemos em Volta Redonda, ele e a esposa entraram na igreja com um belíssimo buquê de flores brancas, enviado pela empresa. Traziam no rosto uma expressão triste, mas solene.

Pelo amor e carinho expresso naquele gesto, sentimos que eles prestavam uma homenagem à nossa filha da mesma forma que haviam feito no casamento. Ou seja, consideravam-nos como uma verdadeira família.

Você Sabia?

*Além dos profissionais da Área de Saúde, voluntários de outras áreas do conhecimento podem fazer parte da **Operação Sorriso**, como Tradutores, Técnicos em Informática, Administradores...*

Participe!

operationsmile.org.br

No cemitério, após as palavras de agradecimento e a oração que fizemos - justamente no momento em que o caixãozinho branco era baixado à sepultura - meu amigo externou novamente sua emoção, e começou a bater palmas... Sozinho.

Por alguns instantes, a multidão pareceu confusa. Todos se entreolharam, procurando compreender a cena. O Irani continuou batendo palmas, e sua expressão facial dizia algo

como: “Vamos lá, pessoal!”

Tão logo perceberam que se tratava de uma homenagem, todos se juntaram ao meu amigo num longo e afetuoso aplauso...

Amigo é pra essas coisas.

=====

Nota: Já presenciei diversas reações durante funerais: pessoas chorando, desmaios, lamentos, e até salvas de tiros. Mas aquela onda de aplausos iniciada por uma única pessoa foi uma demonstração de amizade tão original que quem presenciou jamais vai esquecer...

40. Mil Maneiras de Se Expressar

Minha esposa comentou que em nossa cultura a maneira como homenageamos nossos mortos costuma ser uma tarefa bastante árdua.

Concordando com ela, me lembrei de algo que fizemos para amenizar a dor dos que vieram prestar uma última homenagem à nossa filha...

Quando estávamos saindo de casa para o funeral em Angra dos Reis, vi sobre a penteadeira a foto com a qual ela me havia presenteado no dia dos pais. Peguei o porta-retratos e o levei comigo. Na capela, coloquei a foto junto ao púlpito, para que as pessoas observassem a imagem da Poliana em vida, sorrindo.

Tanto em Angra dos Reis quanto em Volta Redonda, o efeito foi o mesmo: após passarem junto ao corpo, as pessoas ficavam olhando atentamente para a foto, e em seguida dirigiam-se para seus lugares para refletir sobre a vida.

Acredito que isso tenha contribuído para o sentimento de paz, quietude e contemplação que os presentes sentiram nas duas cerimônias.

Nos dias que se seguiram, diversos amigos mencionaram que nunca haviam participado de uma cerimônia na qual reinasse tanta paz. Uma de minhas cunhadas afirmou: “Você me

Você Sabia?

***Tornar-se Doador
Voluntário de Medula
Óssea é a chance de
salvar uma vida.***

*Para saber como
participar, ligue para
0800 773 9973, ou visite
o site da Associação
Brasileira de Linfoma
e Leucemia:*

abrale.org.br

desculpe, Charles, mas tenho que dizer que o funeral estava até bonito, de tanta paz que a gente sentia ali...”

Alguns afirmaram que “não havia a possibilidade de alguém entrar e sair daquele ambiente sem se tornar uma pessoa melhor.”

Existem tantos tipos diferentes de manifestar carinho, amizade, compreensão e empatia quanto existem pessoas.

Algumas acompanharam todo o processo pelo qual passamos, outros preferiam deixar-nos mais ‘à vontade’, e deram também seus preciosos telefonemas.

Alguns amigos foram infelizes em seus comentários. Outros demonstraram partilhar nossa dor como se fizéssemos parte da mesma família. Em momentos de crise, há pessoas que focam no lado material, e outras que direcionam seus esforços para atender necessidades básicas e compreender as limitações do momento.

Algumas chegam para apoiar no que for preciso e outras – acredite se quiser – que só aparecem para cobrar!

Em meio ao mar de abraços que recebemos, das palavras de consolo que ouvimos, das inúmeras manifestações de afeto, para mim o que ficou mais evidente foi a necessidade de respeitar as pessoas como são, com suas limitações e diferentes níveis de sensibilidade.

No fundo, cada um expressa como pode seu amor, carinho e preocupação...

Ou de acordo com sua ordem de prioridades! 😊

PARTE III

ESPERANÇA

***“Não existe morte prematura para quem está preparado
para encontrar-se com seu Criador.”***

-- Russell M. Nelson

41. Um Presente Precioso



Passeando na casa da Família Pregnolato. Angra dos Reis, 2010.

Dentre os muitos presentes que damos ano após ano aos nossos filhos, amigos e entes queridos, alguns só podem ser dados em ocasiões e locais bastante específicos – e apenas uma única vez.

Enquanto a Poli estava internada no Samci no Rio de Janeiro, tivemos um feriado chamado Dia da Construção Civil Pesada (na segunda-feira, 25 de outubro de 2010).



Um amigo da família, que também trabalhava comigo, estava de folga, e aproveitou para levar meus filhos de Angra dos Reis ao Rio de Janeiro, para que visitassem a irmã no hospital.

Lá chegando, fizemos aquela festa. Há muitos dias não nos encontrávamos (a Martha, as crianças e eu). O Abraão levou um presente para a Poli – um chaveiro em forma de lanterna – e nos alegramos bastante com a presença deles. As crianças ganharam tênis, meias, e outras coisinhas que eu havia comprado no Rio pensando nelas.

A Martha permaneceu no hospital em companhia da Zélia – esposa do Sérgio – enquanto fomos almoçar num restaurante perto dali. Conversamos, rimos, e as crianças escolheram cada um seu picolé.

Ao retornarmos, conversamos mais um pouco. A Poli fez mais um exame de sangue – pois o nível das plaquetas estava muito baixo – e ao cair da tarde nos despedimos das crianças. Nos abraçamos, beijamos, e demos um ‘até logo’, na esperança de nos encontrarmos em breve, todos reunidos em casa.

As crianças voltaram renovadas. Nós ficamos mais tranquilos ao vê-los tão bem, e o Sérgio sentiu a alegria de servir de forma desinteressada. O que nenhum de nós sabia, na ocasião, era

que aquela seria a última oportunidade de os irmãos se encontrarem nessa vida.

Como retribuir um presente desses? A bondade da família Pregnolato em nos servir naquela ocasião foi um presente inestimável!



Diário de Poliana, 14 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia de escola foi muito legal mas nós não fomos em um riachinho que minha tia tinha falado que nós íamos lá, mas não fomos porque o meu tio que ia levar a gente lá no riozinho soube que o seu pai estava doente aí ele teve que ir visitar o pai dele então ele foi. E nós fizemos um piquenique em uma varandinha que tem na minha escola.

O piquenique foi muito bom e nós fomos na aula de informática demorou um tempão nós copiamos um texto e palavras na informática. Na hora de sair a tia passou para casa uma coisa muito fácil, foi duas folhinhas pequenininhas.

Fim e tchau.

42. Um Encontro de Família



Prima e Irmão no Sítio da Vó Terezinha. 02.11.10.

Na noite do dia 31 de outubro de 2010, após concluirmos todas as atividades relacionadas ao sepultamento, os parentes se reuniram para comemorarmos dois aniversários: meu filho fazia 13 anos, e meu cunhado, 52.

Há alguns anos a família toda não se reunia mas, desta vez, sem qualquer planejamento, todos sentiram vontade de estar juntos... no sítio da Vó Terezinha!

Antes de partirmos os bolos, algumas pessoas pediram para falar...

Um cunhado enfatizou que, após o funeral, havia se dirigido para casa em Barra Mansa, mas que se sentiu compelido a “pegar o carro e ir até o sítio”. Comentou sobre o que sentiu ao participar do funeral na igreja, dizendo que “as pessoas que participaram da cerimônia foram tocadas pelo espírito de paz que emanava do local” e que “o trabalho iniciado por Jesus Cristo ainda não havia terminado, pois Ele vai voltar um dia”.

Outro, comentou sobre a importância de nos lembrarmos do aniversário do Arthur como um dia de alegria e de união da família – e que preservássemos a alegria daquela data nos anos seguintes.

Uma de minhas cunhadas compartilhou o sentimento de que sua falecida mãe poderia estar ali presente em espírito, mostrando à Poliana como a família estava unida numa ocasião solene como aquela, e convidou a todos a perguntarem ao Pai Celestial o que deveriam fazer para vivermos juntos em família por toda a eternidade.

Uma sobrinha ainda jovem – e que raramente fala em público – enfatizou a importância do perdão quando houver qualquer desentendimento em família, e disse para colocarmos os acontecimentos do dia a dia em sua devida perspectiva.

Quem esteve presente naquela ocasião pode sentir algo diferente... uma paz que desafia qualquer descrição, um sentimento de harmonia que há muito não havíamos sentido.

Outros parentes vieram se juntar a nós no dia seguinte. Fomos a Volta Redonda buscar minha irmã e os sobrinhos sapecas, Dudu e Pepe, e juntos passamos dias inesquecíveis!



Ali, longe dos centros urbanos e dos celulares, em contato com a natureza, conversamos com amigos de longa data, brincamos com as crianças, e pude sentir minha energia renovada para retornar às atividades do dia a dia.

A vida tem que continuar...

Diário de Poliana, 15 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia muito legal, lá na minha escola eu trabalhei com a letra x. O meu irmão ganhou uma caneta que parece um ferrinho porque ela é de ferro, pequena e fina assim.

43. A Holanda de Cada Um



Colinho de Mamãe. Angra dos Reis, 2010.

Havia chegado aquela hora temível de retornar para casa, rever o quarto das crianças, as roupinhas, os cadernos e as fotos. Um misto de saudade, tristeza e esperança ao mesmo tempo tomava conta de cada membro da família...

A partir daí, as noites seriam mais longas, o silêncio mais inquietante, e precisaríamos reorganizar nossa vida de muitas formas.

Nunca havíamos nos dado conta de que a pizza é bem mais fácil de ser cortada em seis pedaços. Que um de nós sempre estaria sem parceiro no banco do ônibus. Que ficaria um vazio muito grande em nossa mesa de seis cadeiras, quando uma delas estivesse desocupada.

(Tínhamos ainda que vencer um sentimento antagônico simplesmente ao pensar que nossa família iria por fim se adaptar aos apenas três cintos de segurança no banco traseiro de nosso próximo carro...)

Diante de tantas adaptações, começamos a perceber que outras pessoas também estavam enfrentando – ou haviam enfrentado – desafios semelhantes.

Poucos dias depois da partida da Poli, minha irmã, que sempre foi uma grande fonte de apoio, me mostrou um vídeo que nos ajudou a seguir em frente.

Trata-se de uma mensagem escrita (e posteriormente editada em forma de vídeo) por uma mãe que teve um filho com Síndrome de Down. Além de ajudar outras pessoas a compreenderem o que significa ter os planos de vida abruptamente alterados por circunstâncias fora do controle, a autora procura ajudar àqueles que não passaram pela experiência a compreendê-la:

BEM VINDO À HOLANDA²

Emily Perl Knisley, 1987

Frequentemente sou solicitada a descrever a experiência de dar à luz a uma criança com deficiência...

Uma tentativa de ajudar pessoas que não têm com quem compartilhar essa experiência única a entendê-la e imaginar como é vivenciá-la.



Seria como...

Ter um bebê é como planejar uma fabulosa viagem de férias para a Itália!

Você compra montes de guias e faz planos maravilhosos! O Coliseu... O Davi de Michelangelo... As gôndolas em Veneza...

Você pode até aprender algumas frases em italiano. É tudo muito excitante.

² Para assistir ao vídeo online, digite 'Bem-vindo à Holanda', no site: www.youtube.com

Após meses de antecipação, finalmente chega o grande dia! Você arruma suas malas e embarca.

Algumas horas depois você aterrissa. A comissária de bordo chega e diz:

-- Bem vindo à Holanda!

-- Holanda!? !? !

Eu escolhi a Itália! Eu devia ter chegado à Itália! Toda a minha vida eu sonhei em conhecer a Itália!

Mas houve uma mudança de plano no vôo. Eles aterrissaram na Holanda e é lá que você deve ficar.

A coisa mais importante é que eles não te levaram a um lugar horrível, desagradável, cheio de pestilência, fome e doença.

É apenas um lugar diferente!

Logo, você deve sair e comprar novos guias.

Deve aprender uma nova linguagem. E você irá encontrar todo um novo grupo de pessoas que nunca encontrou antes. É apenas um lugar diferente. É mais baixo e menos ensolarado que a Itália. Mas após alguns minutos, você pode respirar fundo e olhar ao redor.

A Holanda tem moinhos de vento, tulipas e até Rembrants e Van Goghs. Mas todos que você conhece estão ocupados indo e vindo da Itália, sempre contando sobre o tempo maravilhoso que passaram lá.

E por toda sua vida você dirá:

-- Sim, era onde eu deveria estar, era tudo o que eu havia planejado!

E a dor que isso causa nunca, nunca irá embora, porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa.

Porém, se você passar a sua vida toda remoendo o fato de não ter chegado à Itália, nunca estará livre para apreciar as coisas belas e muito especiais sobre a Holanda.

Estávamos de volta à 'Nossa Holanda'. Era hora de reunirmos forças para seguir adiante – o que continuamos fazendo... um pouco a cada dia, um dia de cada vez.

Diário de Poliana, 21 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia muito chato porque a tia dos meus irmãos disse que o ônibus do 3 e 4 ano vai acabar de segunda-feira e eu vou ter que ir sozinha no meu ônibus. E a tia também disse que se os alunos se comportarem aí vai voltar e se eles não se comportarem vai tirar para sempre e pela primeira vez quando eu entrei na sala de aula eu vi o meu irmão na fila para ir para a sala e a minha mãe me buscou.

44. Amigos



Com os Amigos na Igreja. Angra dos Reis, 2009.

A Poliana começou seus estudos em 2006 na mesma escola em que eu havia iniciado minha jornada trinta anos antes: a Escola Municipal Paraíba, no bairro Vila Mury em Volta Redonda. Ali, conquistou colegas e professoras com seu jeito simples e meigo de ser.

Uma delas se tornou sua melhor amiga: a Nathália. Quando a família mudou-se para Angra dos Reis, ela passou a estudar no Colégio Estadual Roberto Montenegro, na 1ª série do Ensino

Fundamental. Como ainda sentia muitas saudades da amiga, falava nela freqüentemente...

Durante aquele ano, fez uma nova amiga, que passou a considerar como uma irmã para ela: Alexia. No ano seguinte, a amiga foi transferida de escola, e como também moravam em bairros diferentes, as duas passaram a trocar telefonemas sempre que possível.

Quantos e quantos sábados a Poli ficou pronta, de banho tomado, aguardando que um dos pais a levasse à casa da Alexia, e o passeio foi diversas vezes adiado...

Na única vez em que a mãe teve tempo para levá-la, a amiga havia saído, e elas se desconstraram. No sábado seguinte, a irmã mais velha (Ana Paula) se preparou e levou-a para brincar com a colega.

Embora houvesse se preparado por diversos fins de semana, aquela foi a única vez em que a Poli conseguiu realmente visitar a colega. Nos outros sábados, ela nunca reclamou. Apenas ficava um pouco triste, mas compreendia os afazeres dos pais, e aguardava pelo sábado seguinte.

Quando retornávamos do Rio, liguei para a mãe da Alexia e relatei-lhe o ocorrido. Ela ficou consternada, chorou, e eu não consegui terminar o telefonema.

Confesso que minha consciência pesou bastante nesse momento, pois gostaria de ter parado o que estivesse fazendo

para levá-la – ao menos uma vez – à casa da amiga que tanto amava, e que também a amava tanto.

Uma de minhas cunhadas, que viajava conosco, me consolou dizendo que eu havia sido um pai exemplar, que havia me esforçado para dar o melhor de mim para a família, e assim por diante. Com o apoio dela percebi que em matéria de paternidade meus acertos superavam meus erros, e que como o saldo era positivo, eu deveria parar de chorar.

Naquela noite, os pais da Alexia nos visitaram na igreja. Nos abraçamos, choramos juntos e tivemos aquele sentimento de que nossas filhas haviam conseguido desenvolver um dos mais belos sentimentos da alma humana: a pura amizade.

Uma outra amiga querida com quem a Poli teve a alegria de partilhar momentos especiais foi a Juliana. Juliana para muitos, Juju para os mais chegados. E essa foi a única amiga que teve uma música composta em sua homenagem. A letra era mais ou menos assim:

*Meu nome é quentinho, eu sou muito quentinho,
Eu fiz essa musiquinha pra Juju...*

Como a Juju tem uma voz bem fininha, a Poli procurava imitá-la ao cantar a música, e terminava sempre alongando a última sílaba: Jujuuuuu...

Depois de ouvir a música por diversas vezes, a Juju entrava na onda e cantavam juntas por mais algum tempo, até se distraírem com outras brincadeiras.

Esse fato tão simples me ensinou que devo concluir as tarefas que inicio, pois embora a música fosse curta, cumpriu o fim a que se destinava: alegrar a Juju.

Na última semana em que a Poliana estava no hospital, a Juju fez um lindo desenho, e comprou um presente especial: um bonito urso de pelúcia.

Esses dois presentes foram colocados juntos na sepultura, como uma lembrança dessa amiga de todas as horas...

Diário de Poliana, 22 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque hoje não teve aula pra mim porque é feriado e eu fiz muitas coisas legais tipo meu tio é claro o irmão da minha mãe veio aqui para conversar com a minha mãe e ele também trouxe uma caixa de bombom e eu comi 2 o meu irmão comeu 2 o meu outro irmão comeu 3 e a minha mãe só comeu 1.

Fim.

45. Lidando com os Sentimentos



Manhã de Sábado. Parque Mambucaba, 2010.

Uma das grandes lições que pude aprender foi a de que, quando chega a hora da partida, os familiares que participaram dos momentos finais sentem que poderiam ter feito algo mais.

Tive esse sentimento de forma mais intensa por algumas vezes, ao pensar no seguinte:

- Adiei vários passeios com ela na casa das amigas,
- Nunca a matriculei numa escolinha de natação,

- Durante seus últimos momentos de vida eu não estive ao seu lado

Nessas horas, o apoio dos familiares torna-se fundamental para elevar a autoestima de quem se sente assim, eliminando seu sentimento de culpa.

Refletindo profundamente sobre o assunto, busquei forças pensando no oposto – naqueles momentos em que passamos juntos.

Ao procurar identificar momentos nos quais me dediquei exclusivamente a ela, encontrei vários deles... que acabaram se tornando inesquecíveis pra mim . Um deles aconteceu quando ela estava aprendendo a andar de bicicleta! 😊

Enquanto retornávamos do cemitério, meu irmão e eu conversamos a respeito do assunto, e em seus estudos ele havia descoberto que em ocasiões como essa a pergunta não é se você fica com um sentimento de culpa, mas quanta culpa você sente, e como irá administrá-la, pois “é comum TODOS os envolvidos sentirem que não fizeram tudo o que estava ao seu alcance”.

Ainda que sejamos todos diferentes, e cada pessoa tenha sua maneira própria de ser, viver e interpretar os mesmos fatos, a natureza humana é semelhante em suas necessidades...

De certo modo, “o olhar do outro me revela.”

Diário de Poliana, 23 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia muito bom porque nós fomos na cachoeira e eu dei alguns mergulhos e eu estou aprendendo a boiar um pouco e assim eu posso aprender a nadar se eu fizer isso todo dia muito bem. E antes da gente ir na cachoeira "eu" lavei o quintal e todos ficaram felizes por "mim".

Fim.

46. A Vida Pode Ser Bela



Torcendo pelo Brasil na Copa de 2006.

As crianças fazem geralmente perguntas difíceis de responder. Por sua vez, alguns adultos testam a paciência delas ao limite, seja apertando suas bochechas ou repetindo perguntas do tipo: “Você gosta mais do papai ou da mamãe?”

Numa daquelas ocasiões em que saí para buscar resultados de exames, a Poli fez um comentário com a Martha que demonstra a grandeza da sua percepção...



“Mãe, eu gosto muito quando você fica comigo porque você me dá banho, me faz carinho, cuida de mim...”

Mas eu também gosto muito quando o papai fica comigo, porque ele me faz rir, faz palhaçadas, me deixa alegre.”

Quando a Martha me contou, meus olhos ficaram marejados, pois percebi que, mesmo com o coração partido, já havia brincado e dançado em três hospitais, com o objetivo de fazê-la feliz!

No hospital de Praia Brava o quarto era coletivo, e a porta do banheiro não tinha tranca. Quando ela ia ao banheiro, eu a ajudava carregando o suporte do soro, e ficava de guarda ao lado da porta.

Quando era minha vez de usar o banheiro, eu pedia que ela ficasse de guarda deitada na caminha dela mesmo, e que devia proteger aquela porta ‘com o sacrifício da própria vida, se necessário’! Ela ria a cada vez... 😊

Certa ocasião eu estava dançando e me contorcendo ao lado da cama dela, quando de repente a enfermeira abriu a porta. Rapidamente, endireitei o corpo e fiz uma cara de sério, olhando para a Poli. Como ela riu disso, ao contar o episódio para a mãe e os amigos...

Outro episódio que ela gostava de contar foi quando saímos juntos para comprar frango assado, numa manhã de sábado. Na semana anterior os frangos estavam pequenos, e custavam oito reais cada. Compramos dois.



Naquele dia, os frangos estavam bem maiores. Fiquei empolgado na chegada, e fui logo dizendo: “Me vê dois frangos desses aí!”

Ao perguntar o preço, fui informado que cada um custava doze reais. Então, em voz um tanto mais baixa, corriji o pedido: “Acho que um só já está de bom tamanho...”

Ao contar o caso, ela dava ênfase na autoridade com que eu havia feito o pedido, e me imitava, fazendo uma voz engraçada ao corrigir o pedido. 😊

No intervalo entre uma internação e outra, Poli fez algumas conquistas. Uma delas, foi tomar banho sozinha.

Certa tarde, ela estava no banheiro, curtindo sua conquista, e nós todos esparramados pela casa. De repente, um baita grito!

Corremos todos para a porta do banheiro. A Martha entrou - ficamos esperando o veredito... brancos de susto...

-- O que foi, Poli?

-- Nada. Estava só testando pra ver se no banheiro dava eco!
Caímos na risada... Era nosso santo remédio!

Diário de Poliana, 24 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque nós fomos na cachoeira de novo e eu atravessei o rio nadando e foi muito legal eu me senti um peixe. Todo mundo ficou orgulhoso por que eu nunca tinha atravessado o rio na minha vida toda!!

Antes da cachoeira meu pai estava dormindo com muito sono e eu fiquei lá:

-- Pai acorda! Pai acorda! Pai acorda!

E ele dormindo:

-- Não, filha não! Daqui a pouco! Daqui a pouco!

E ele nunca levantava.

Aí eu fiquei com muita raiva e pensei: ah, vou dar uma maçã para ele acordar e se animar³.

E ele logo levantou. Fim.

³ Havíamos combinado que para me acordar, bastava me dar algo para comer.

47. Anjos de Branco



Brincando no quintal. Angra dos Reis, 2010.

Em nossa trajetória por quatro hospitais, conhecemos diversos profissionais da saúde, e como pai pude perceber quanta diferença faz quando um deles trabalha motivado pelo amor...

Da primeira vez que acompanhamos a Poli no hospital, sua internação durou onze dias. Foi nessa época que conhecemos uma enfermeira que marcou toda nossa trajetória: Tia Évelin.

Não sei se foi aquele rosto sempre iluminado, aquele sorriso largo, a atenção demonstrada a cada criança, ou simplesmente



a habilidade em se colocar no nosso lugar, mas essa profissional – entre outras de grande competência – se destacou a tal ponto que a Poli sempre comentava sobre ela.

Certa ocasião, 'Tia' Évelin deixou um filho pequeno em casa, e passou o turno preocupada, ligando diversas vezes para saber se ele já

estava melhor. Mesmo assim, continuava cuidando das crianças da enfermaria como se fossem dela!

Lembrei-me de uma história que li sobre um país devastado pela guerra, no qual as mães adotavam as crianças encontradas na rua, na esperança de que alguma outra mãe, em algum lugar, fizesse o mesmo pelos seus filhos.

Gostaria também de prestar tributo à enfermeira Sandra, do Prontobaby, que foi um anjo confortador em nossa vida, na única noite em que passamos acordados cuidando da Poli. Após duas tentativas de exame de sangue, ela veio e acertou na primeira vez.

Como não sabíamos que aquela seria nossa última noite no hospital, combinamos que dali pra frente ela seria a enfermeira

oficial para a coleta diária de sangue - que fazia parte do tratamento. (Na verdade, era sua única oportunidade de demonstrar aquele grau de carinho e atenção, e ela correspondeu à altura...)

Lembranças como essas - de profissionais que vão além do cumprimento do dever - reforçam nossa crença na bondade do ser humano!



Diário de Poliana, 30 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque a minha mãe me buscou para nós irmos de Bonfim⁴ mas não fomos de Bonfim, porque nosso ônibus estava ali.

Quando cheguei em casa eu fui para a loja com meu pai, com minha mãe e com meus irmãos para comprarmos guarda-roupas e também aproveitamos e compramos uma sanduicheira. Nós comemos muito misto quente, muito mesmo e eu não agüentava mais. Eu comi e dei pra o meu pai e nós fomos dormir.

Fim.

⁴ Empresa de ônibus local.

48. Um Amigo de Cada Vez



Castor e Poliana em Barra Mansa – RJ. 2010.

Na primeira vez em que a Poli fez uma bateria de exames em Barra Mansa – RJ, a empresa na qual trabalho deixou à nossa disposição um carro com um motorista especial. Rimos bastante aquele dia, e como não poderia deixar de ser, o Castor e a Poli se tornaram bons amigos.

Antes de regressarmos, os dois tiraram uma foto juntos, em frente ao laboratório clínico onde havíamos feito os exames.

Essa foto foi dada ao Castor, como lembrança deste dia especial.

Imprimi e plastifiquei a foto, que se tornou uma lembrança valiosa para nós – e ainda mais preciosa para o Castor, com os seguintes dizeres:

"Ao amigo Castor, nosso muito obrigado!

Poliana e Família, 9 de Setembro de 2010"

Na vez seguinte, quando a Poli fez uma nova bateria de exames, conhecemos mais de perto o motorista André, que também demonstrou boa vontade ao dirigir um dia inteiro a nosso serviço. Quando retornamos à noitinha, ele conheceu nossa casa e ainda ficamos conversando por um tempão. Só faltou mesmo tirar a foto... 😊

Fazer amigos era uma especialidade da Poli!

Diário de Poliana, 31 de Maio de 2008.

Hoje foi um dia legal. A gente foi na igreja para assistir a atividade cultural de dedicação do templo de Curitiba. Quando nós chegamos lá o meu pai foi comprar bala porque no papá ele comeu muuuuita cebola. E lá tinha um amigo do Papai ele tinha um filhinho que adorava bala ele se chamava Davi. O meu pai comprou 2 pacotes, ele chupou muita bala. Aí depois a gente assistiu a atividade e ficou brincando com o Davi.

E na hora de ir embora o carro estava cheio por causa que o colega do meu pai deu carona para a gente. E $6+4$ é 10, e dez pessoas num carro é muita gente e nós contamos muitas piadas, do Glovis Glovis, trovão, etc.

E quando chegamos em casa nós comemos muitos sanduíches.

FIM.

49. Pedacinhos



Sábado Ensolarado no Parque Mambucaba, 2010.

“Um homem não molha os pés duas vezes no mesmo rio, pois nunca é o mesmo homem, e nunca é o mesmo rio.” Heráclito

Nossa casa tem duas entradas. Uma delas fica numa rua sem saída, utilizada apenas pelos próprios moradores e eventuais visitantes. No dia em que completei 41 anos (29 de julho de 2010), a Poli e eu fomos ao supermercado, e na volta corremos de mãos dadas num trecho deserto desta rua.

Enquanto desfrutava a alegria do momento, propus um trato: que iríamos correr do mesmo modo quando eu completasse 50 anos.

Nossa pequena concordou, satisfeita, sem imaginar que nessa época ela já seria uma moça de dezoito anos. Meu plano era cumprir o combinado, e recordar a data como um bom motivo para refletirmos juntos sobre as mudanças vivenciadas no período...

Hoje em dia, ao sair para trabalhar bem cedinho, passo por aquele mesmo trecho da rua, e a imagino saltitando, naquele vestidinho branco com rosas azuis, os cabelos esvoaçando, ora para a direita, ora para a esquerda... E me permito ficar feliz.

Não sei se no meu quinquagésimo, sexagésimo ou nonagésimo aniversário, mas algum dia estaremos juntos, e correremos de mãos dadas outra vez...

E então, será para nunca mais nos separarmos!

Diário de Poliana, 03 de Junho de 2008.

Hoje foi muito legal porque está em Junho e o meu aniversário é em Junho ele é em 05/06/08 mas a minha tia vai vir aqui no dia e nós vamos comemorar o meu aniversário no dia 6. Fim.

50. Mais Que Amiga...



Com a Irmã na Sala. Volta Redonda, 2006.

Existe um adágio que diz que existem amigos mais próximos que um irmão. O que dizer então daquela irmã que se torna sua verdadeira amiga?

Durante o período em que estávamos no hospital, a Suzana ficou sendo nossa informante da família em Volta Redonda. Era ela quem ligava pra nós todas as noites, e se encarregava de passar as notícias para os parentes.

Foi ela também a responsável em divulgar a notícia por ocasião do falecimento. Tarefa difícil que ela cumpriu da melhor forma que pode. Como mãe de dois filhos, e tia da Poli, ela 'sentiu na pele' junto conosco cada etapa do processo.

No último domingo em que estávamos no hospital, ele fez-nos uma visita no Rio, levando alguns livros infantis (que a Poli devorou), um quebra-cabeças, um jogo de resta um, uma prancheta, cem folhas brancas de papel, uma caixa de giz de cera e outra de lápis de cor.

Munida de todas essas ferramentas a Poli ficou mais animada e passou a fazer desenhos para presentear a família e os amigos. Seu último desenho foi uma menina sorridente, cuja face ela copiou de um porta-lápis que a tia trouxe. O corpinho ela teve de inventar. Ficou muito bonito, mas muito bonito mesmo.

Depois do desenho, a Poli escreveu numa outra folha uma frase para a mãe:

"Eu te amo."

A cada vez que me recordo do quanto a Poli se importava com os outros, mais vontade sinto de seguir seu exemplo. Ela estava o tempo todo conectada com as pessoas, estivessem elas próximas ou distantes. Talvez por isso mais de quinhentos amigos tenham vindo nos cumprimentar por ocasião de seu funeral!



Por falar nisso, a Suzana já vinha sentindo a algum tempo que cantaria em homenagem à Poli, mas estava se esforçando por não acreditar nesse sentimento.

Quando todos os oradores já haviam dado suas mensagens, minha esposa chegou perto dela e pediu que cantasse ‘Levanta a Cabeça, és Filha de Deus’⁵ – o hino que a Martha sempre cantava ao lado da cama, para confortar a Poli.

⁵ Para ouvir a música online, visite

http://broadcast.lds.org/yw/camp/YWCamp_16_LevantaACabeçaEsFilhaDeDeus.mp3

A Suzana subiu ao púlpito, respirou fundo, e nos presenteou com essa linda canção:

Eu tenho uma prece em meu coração
E nela peço a Deus com toda a devoção
Que lembres sempre quem tu és e do teu Criador
Procura Deus e sentirás o seu amor.
Levanta a cabeça, és filha de Deus.
Sê forte e recorda quem tu és,
Tenta compreender o plano do Senhor
Deus muito perto está, confia em seu amor.
Há muito tempo (nem te lembras quando),
O Pai tomou-te as mãos em gesto brando
Dizendo: Agora vais viver o plano de amor
Filhinha, não te esqueças de teu grande valor.
Levanta a cabeça, és filha de Deus.
Sê forte e recorda quem tu és,
Tenta compreender o plano do Senhor
Deus muito perto está, confia em seu amor.
A vida nesta Terra não seria
Nem fácil, nem só feita de alegria
Mas não estamos sós, procura sempre te lembrar,
Segura a mão do Pai e voltarás ao lar.
Levanta a cabeça, és filha de Deus.
Sê forte e recorda quem tu és,
Tenta compreender o plano do Senhor
Deus muito perto está, confia em seu amor.

Esse foi mais um daqueles presentes que só poderiam ser dados uma vez, num determinado local, por uma única pessoa...

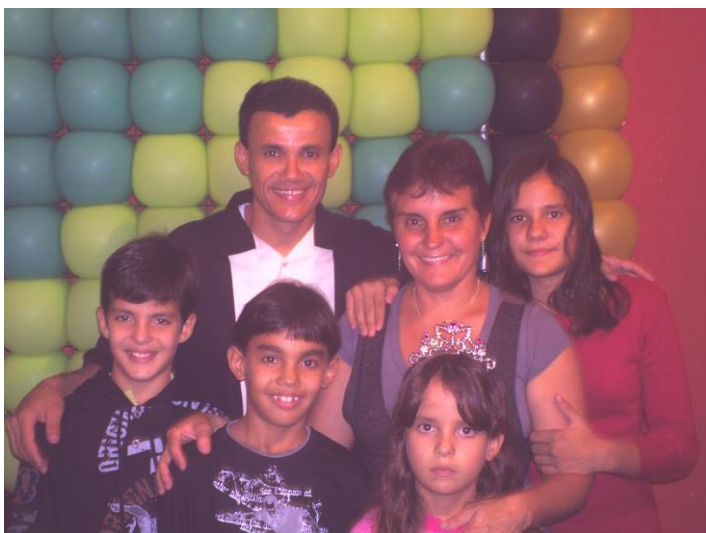
Como fez a Tia Su. 😊

Diário de Poliana, 06 de Junho de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque, hoje que comemoraram o meu aniversário e me deram muitos presentes e eu gostei muito e veio muitas pessoas e eu fiquei brincando com os brinquedos que eu ganhei foi muito legal.

Fim.

51. Amigos de Todas as Horas



Aniversário de um amigo. Angra dos Reis, 2009.

Algumas pessoas demonstram ter atingido o mais alto grau de compreensão do sentido da amizade, servindo de exemplo a muitas outras. O que vou relatar agora é mais um desses exemplos.

No dia oito de outubro de 2010, a Poli passou o dia inteiro com dor de cabeça. Já eram quase onze da noite quando decidimos levá-la ao hospital de Praia Brava.



Em ocasiões como essa, contávamos sempre com nosso amigo Júnior, que de bom grado saiu da cama, passou pela casa da Alice (que ficaria com nossas crianças) e veio nos socorrer mais uma vez.

Após deixar-nos no hospital, ficou de prontidão para nos ajudar no que fosse preciso. Ligou diversas vezes para

saber se havia algo que pudesse fazer por nós, e mostrou-se um verdadeiro irmão em tempos de adversidade. Em pouco tempo, conquistou nossa confiança e admiração pelo serviço abnegado que prestou.

Quando já estávamos no Rio, recebi dele uma ligação me informando que – em companhia do Cláudio e do Irani, haviam organizado um movimento na obra de Angra 3, visando arrecadar fundos para nos ajudar.

Lembro-me vividamente desse momento e de quanto senti que eles nos amavam. Desatei a chorar, e comentei com a Martha, que também ficou emocionada.

Já de volta ao trabalho, conheci os detalhes do plano de arrecadação, e admirei ainda mais o empenho de toda e equipe em nos proporcionar conforto e bem-estar.

Eles haviam preparado um cartaz, colado em uma bolsa, e percorrido toda a obra, informando a centenas de trabalhadores sobre nossa necessidade...

Como diz o adágio: "Existem pagamentos que nunca caberiam num envelope."

Diário de Poliana, 01 de Junho de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque nós ficamos lá na casa da tia Francisca ela é muito mas muito legal e ela tem um filho dela que se chama (Davi) ele é muito legal. A gente foi na piscina com ele.

Ah, vou cortar o assunto. Nós ficamos lá porque o meu pai, minha mãe e o meu irmão foi pescar, eles pescaram um peixe enorme e mais 3 menores. Em casa eles limparam o peixe e jantamos.

Fim.

52. Uma Mensagem de Conforto



Poli com seus cachorrinhos. Angra dos Reis, 31.01.2009.

Ao tomar conhecimento do que nossa família estava passando, uma amiga de minha irmã – que havia vivido uma experiência semelhante à nossa – enviou-lhe um email com as lições aprendidas.

Com mais tempo para refletir, relemos a mensagem, e minha esposa comentou que retratava exatamente seus sentimentos. Com a autorização da autora, reproduzo aqui suas palavras:

Resende, 03 de outubro de 2010.

Querida amiga Suzana,

É com muita humildade que resolvi escrever para você e compartilhar um pouco da minha dolorosa experiência e como pude enfrentá-la.

Sei que não sou melhor e nem mais forte do que ninguém, mas acredito que por ter passado por isso, posso ser um instrumento nas mãos do Senhor e ajudar outros que estão enfrentando situações semelhantes.

Meu primeiro filho (Nicholas) faleceu com 6 meses de vida, após passar 6 meses no hospital em estado grave. Acredito que essa é uma das mais dolorosas experiências da mortalidade, mas pode ser profundamente transformadora se conseguirmos ao menos em parte aprender algo com ela. Comigo foi assim. Houve momentos de encharcar o travesseiro, houve momentos de dúvida e desalento. Mas como te disse, agarre-se ao seu testemunho e faça o que tem que ser feito.

“Você colherá os frutos da fé se for paciente e compreensivo quando Deus permitir que você tenha dificuldades na vida para que cresça e quando as respostas vierem aos poucos ao longo de um período prolongado de tempo.” – Élder Richard G. Scott.

Suzana, comigo foi assim. As respostas vieram pouco a pouco, anos após anos e hoje consigo compreender um pouco melhor o propósito de tudo que aconteceu.

As lições que podemos aprender com experiências como essas são muito pessoais, mas vou compartilhar com você um pouco do que aprendi:

1) Compreendi melhor o amor que o Pai Celestial tem por nós. Apenas vendo o sofrimento do meu filho nesses dias, pude compreender o grande amor do Pai Celestial por cada um de seus filhos ao permitir que Seu Filho Unigênito sofresse para nos redimir.

2) Também pude compreender de forma mais real a dor de Maria, mãe de Jesus. Nunca havia pensado no tamanho de sua dor ao ver seu filho, puro e perfeito, ser julgado, crucificado, derramando sangue e lágrimas por erros e pecados que não cometera.

3) A expiação de Jesus Cristo se tornou muito mais real para mim. Pude me imaginar em Seu lugar e compreender, de forma muito limitada ainda, o quanto Ele sofreu e o tamanho de Seu amor por mim.

Meu amor e gratidão por Jesus Cristo foram multiplicados ao compreender que graças a Ele posso me arrepender e viver eternamente com minha família. A ressurreição também se tornou muito mais significativa para mim.

Um dia, vou poder criar meu amado Nicholas. Nenhuma bênção será negada se eu for digna.

4) Tornei-me mais sensível à dor do próximo. Consigo me colocar no lugar das pessoas e entender suas dores e sofrimentos.

5) Aprendi a depositar toda minha confiança em nosso Pai Celeste e sentir que Ele jamais nos abandona. Durante todo o período em que o Nicholas esteve no hospital, meu esposo e eu compreendemos exatamente as palavras de nosso Salvador quando disse:

*“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.”
(João 14:27)*

6) Aprendi a ter um olhar diferente para todos os que têm necessidades especiais. Imaginar que o Nicholas poderia ficar com alguma sequela, fez com que meu amor e admiração por esses nossos irmãos aumentassem.

7) Aprendi que nosso Pai Celestial nunca nos prova mais do que podemos suportar.

“É reconfortante saber que Deus jamais o provará além do que você poderá suportar com a ajuda Dele”. – Élder Richard G. Scott

8) Aprendi que o poder do Sacerdócio é real. Com menos de 1 mês de vida, o Nicholas ficou 5 dias sem urinar. Ficou todo inchado e o médico disse que teria que iniciar uma diálise nele no dia seguinte. Depois que o médico conversou conosco, meu

esposo deu uma bênção de saúde em nosso bebê. Nessa mesma noite, o Nicholas voltou a urinar e a diálise não foi necessária.

9) Aprendi que Deus ouve e responde às nossas orações e jejuns. Em alguns momentos críticos, nosso pequeno foi poupado devido às orações e jejuns feitos por nós, nossos familiares, amigos fiéis de nossa Ala e de outros lugares. Aprendi também que precisamos pedir se quisermos receber.

10) Aprendi que às vezes a resposta às nossas orações é Não. Com pouco mais de um mês de vida, imploramos ao Senhor para que nosso pequeno não precisasse se submeter a uma cirurgia para fechar seu canal arterial.

Posteriormente, aos quatro meses de vida, novas súplicas para que ele não fosse submetido a uma traqueotomia. No entanto, nas duas ocasiões não fomos atendidos como imaginávamos.

Passamos, então, a compreender as palavras do Élder Russell M. Nelson: “Quando oramos, não devemos achar que podemos dar conselhos ao Senhor, mas devemos perguntar a Ele, e ouvir Seu conselho. Nem todas as nossas orações serão atendidas da forma que desejamos. De vez em quando, a resposta será não”.

Apesar das muitas lições que aprendemos com as batalhas enfrentadas pelo Nicholas, sentíamos que estávamos sendo instrumentos nas mãos do Pai Celestial para fortalecermos outras pessoas. Em nenhum momento, duvidamos. Meu esposo Ericson e eu tínhamos a certeza absoluta de que nosso pequeno guerreiro venceria todas as dificuldades e teria uma vida feliz

ao nosso lado, aqui na esfera mortal. Mais de uma vez, o Nicholas teve parada cardiorrespiratória em meus braços.

Mantive minha serena fé de que tudo ficaria bem. Quando o médico nos chamou, em duas diferentes ocasiões, para dizer que as chances de nosso bebê sobreviver eram remotas, meu esposo e eu apenas nos olhávamos e pensávamos: “Você não sabe o que nós sabemos...”

No dia 09 de agosto de 2005, nosso grandioso Nicholas (com 3.140g) deixou o hospital em direção ao seu lar Celeste.

Por nunca termos duvidado, foi como se nosso mundo tivesse desabado. Em nenhum momento, nos preparamos para isso. Estávamos com nossas mentes e corações fixos na alta do Nicholas, por mais improvável que parecesse. E foi a partir daí, que meu esposo e eu começamos a descobrir a maior de todas as lições. Enquanto o Nicholas esteve internado, pensávamos que a maior lição seria a cura do Nicholas. Todos saberiam que a fé é capaz de tudo e que o Pai Celestial tem todo o poder. Achávamos que os médicos e todos que duvidaram poderiam aprender uma grandiosa lição.

Com a partida do Nicholas, meu esposo e eu começamos a entender que precisávamos ser humildes e perceber que a grandiosa lição seria para nós, não para os que nos cercavam. Se quisermos ser merecedores de viver com o Nicholas, precisamos nos submeter a TUDO que o Pai Celestial julgar que precisamos passar, com fé e paciência.

Então compreendemos, de forma mais significativa, as palavras do Élder Richard G. Scott:

“Mesmo se exercitar sua fé mais forte, Deus nem sempre o recompensará imediatamente de acordo com os seus desejos. Em vez disso, Deus irá responder com o que for melhor para você em Seu plano eterno.”

Su, essas foram algumas das coisas que aprendi. Mas, como disse, esse aprendizado é pessoal e cada pessoa que passa por uma experiência difícil, pode aprender algo diferente.

Eu e o Ericson estamos orando para que você e sua família sintam a doce paz e consolo do Espírito Santo. Se quiser compartilhar essa humilde carta, com seu irmão e sua cunhada, fique à vontade. Estamos à disposição para o que vocês precisarem. Contem com nossas orações e nosso amor. E lembre-se: A Poli está bem e não precisava continuar a passar pelos desafios dessa vida mortal. Ela é perfeita e já está exaltada...

Seja forte e tenha fé!!

Com carinho,

Carine e Ericson (pais do Nicholas e do Enzo)

Diário de Poliana, 13 de Junho de 2008.

Hoje foi um dia muito legal porque ontem não teve aula. Amanhã é sábado. Eu queria muito que minha mãe me buscasse, eu sempre peço para ela. Sempre peço uma última vez. Ela às vezes me busca, mas às vezes não. Bem como eu já cortei o assunto eu vou cortar de novo.

Amanhã, minha mãe disse que vai sair para ir lá em Itaguaí e a Rita vai ficar com a gente. Minha mãe vai sair 10 horas. Eu queria ir também, mas eu não posso. Lá vai ter uma reunião, só que de adulto, aí eu não posso ir. Meu pai está trabalhando ele não chegou ainda.

Fim.

53. Lá Vem o Sol



Praia da Vila Residencial. Angra dos Reis, 2010.

A partida inesperada da Poliana nos fez rever conceitos e fortaleceu algumas convicções. Algumas pessoas relataram que estão reorganizando suas prioridades com uma visão ampliada da vida.

Num momento assim é natural que os amigos façam de tudo para amenizar nossa dor. Alguns deles procuram nos consolar dizendo que ‘agora há mais uma estrelinha no céu’.



Enquanto meditava sobre o assunto, uma música me tocou profundamente, pois a mensagem me faz antecipar o dia em que verei a Poliana novamente. Chama-se 'Here Comes the Sun', foi composta por George

Harrison e gravada originalmente pelos Beatles.

Após gravar exaustivamente durante um inverno na Inglaterra, Harrison foi passear na casa de seu amigo Eric Clapton. Enquanto andava pelo jardim dedilhando sua guitarra, viu o sol brilhar depois de tanto tempo, e compôs essa bonita canção.

Eis alguns versos traduzidos da versão original:

O inverno tem sido longo e solitário.

Parece que se passaram anos desde que o sol esteve por aqui.

O gelo está se derretendo aos poucos.

Os sorrisos estão voltando aos rostos...

Lá vem o sol, e eu digo que está tudo bem.

Ao ouvir as palavras 'tudo bem', senti uma grande esperança de que teremos a oportunidade de um dia reunir toda nossa família para desfrutarmos juntos da eternidade.

A versão em português (Lá Vem o Sol) foi gravada por Lulu Santos, e embora a letra seja um pouco mais superficial, consegue transmitir em parte a alegria contagiante da versão original.

Diário de Poliana, 14 de Outubro de 2008. Terça.

Hoje foi mais-ou-menos chato e legal. O legal é porque hoje de noite que está teve uma briga entre o Arthur e a Ana Paula e o resto do dia foi normal. Como o Abraão dormiu conosco estou com sono tá vou dormir.

Fim.

54. O Planeta Azul



Praia da Vila Residencial. Angra dos Reis, 2010.

A maioria das famílias desenvolve, com o passar do tempo, algumas tradições que são conhecidas apenas por seus próprios membros.

Certa vez, numa conversa sobre qual seria o local mais distante do universo, a opinião da família ficou dividida. Alguns elegeram o Planeta Verde, outros, o Planeta Azul.

Desde então, ao nos despedirmos com um beijo de boa-noite, sempre digo às crianças: “O pai te ama, daqui até o planeta

verde... acrescentando sempre um veículo que demore bastante para chegar lá:

- De pernilongo com a asa quebrada
- De tartaruga com labirintite
- De bicicleta sem rodas nem pedal

As crianças sempre retribuem à altura, inventando um veículo que seja ainda mais lento!

Quando eu dizia à Poli o quanto a amava (e ainda amo), e citava o planeta verde, ela me corrigia com apenas uma palavra: azul.

Em nossa última conversa – durante a transferência do quarto particular para a Unidade de Terapia Intensiva no Prontobaby – a cena se repetiu. Enquanto as enfermeiras transportavam a maca, curvei-me e sussurrei, enquanto acariciava seus cabelos: “O papai te ama, daqui até o planeta... verde.” Mesmo sem condições de abrir os olhos, ela sussurrou de volta: “Azul.”

Continuei: “Qual fica mais longe, o verde ou o azul?” Ela respondeu com convicção: “É o mesmo planeta. Você é que fala errado...”

Dei-lhe um beijo, e falei: “Pode ir tranqüila, Poli. Sei que a gente vai se encontrar de novo...”



E ela se foi mesmo.

Dia após dia imagino a oportunidade que teremos de nos encontrar de novo. Penso naquele Planeta no qual os amigos e parentes que nos precederam devem habitar... Quantos dos nossos conceitos sobre as pessoas ou sobre esse vasto universo estarão equivocados!

Quantas oportunidades ainda perco de ficar calado, e outras, de partilhar uma simples palavra de conforto...

No final das contas, fará alguma diferença se o tal planeta for verde, azul, vermelho ou amarelo? Na verdade, não me preocupo com sua cor ou localização. (Além de daltônico, consigo ser péssimo motorista!)

Em meio a tantas incertezas da vida, o que mais desejo é manter acesa a esperança de um dia reencontrar aqueles aos quais tanto amei nessa Terra.

Quando essa hora chegar, a primeira coisa que farei é procurar aqueles olhinhos brilhantes, aquela risada contagiante... e vou correndo dar um abraço apertado no meu grilinho falante!

De novo, estarei de mãos vazias. Ela vai me contar as novidades do lado de lá e eu lhe contarei o que mudou do lado de cá...

E correremos juntos, de mãos dadas, muitas e muitas vezes, pelo restante da eternidade. 😊

Diário de Poliana, 15 de Outubro de 2008. Quarta.

Hoje foi um dia muito legal porque a gente foi na praia 10 horas e saímos às 3 horas. Aí a gente também encontrou uma estrela. O Arthur queria deixar ela secar para botar na parede mas hoje também em casa nós voltamos todos queimados aí acho que vou botar fim tá.

Fim.

55. Uma Nova Perspectiva



Com a Amiga Maria Aparecida. Sítio da Vó Terezinha, 01.11.10.

Compreender a morte é um processo contínuo. Considerar o assunto pode ser um grande passo para quem deseja fazer as pazes com a vida. Enclausurados em nossa forma de contar o tempo e de perceber o espaço, ficamos limitados às nossas percepções – por vezes tão limitadas – das verdades com as quais convivemos.

Nossa atitude em relação ao assunto baseia-se em nossas crenças mais profundas. Para alguns, ela representa uma

passagem; para outros, um destino final. A continuação versus o fim.

Com tantas interpretações e crenças sobre o mesmo fato, muitos acabam tateando em meio à confusão em seus momentos mais difíceis. Decidi abordar o tema por acreditar que pessoas sensatas podem se beneficiar dialogando sobre qualquer assunto – inclusive sobre a morte.

Considero-me como o viajante que se orienta pela lua enquanto aguarda o amanhecer. Acredito que mesmo na noite mais escura a jornada é mais agradável quando se viaja em boa companhia.

Além disso, amigos que participaram do funeral de nossa filha – falecida aos nove anos – disseram que sua perspectiva sobre o assunto foi ampliada. Um deles comentou:

“Não sei se vou conseguir expressar com as palavras certas, mas quero te dizer uma coisa... Minha perspectiva mudou. Antes, eu tinha verdadeiro pavor só de pensar em morrer. Hoje eu não tenho mais.

Ao ver sua filha no caixão, e a atitude de vocês ali, tranquilos, eu percebi que ela – a essência dela – não estava mais ali. Aquele era apenas o corpo. Senti que ela já estava num outro lugar. E com certeza, mais feliz do que aqui.”

Assim, compartilho algumas idéias e experiências que representam minha percepção sobre a morte. Vamos juntos nessa pequena viagem. É bom estar em sua companhia...

Crescendo e Aprendendo com a Morte

Durante a maior parte da infância, morei perto do cemitério. 'Perto' é força de expressão. De nossa casa avistávamos o caixão sendo velado. Em dias de velório, minha mãe fechava a porta da cozinha, e precisava manter a lâmpada acesa.

Além da própria rua, o cemitério era nosso playground. Ali, podíamos brincar de pique-esconde, nadar num riacho, passear pelos morros, caçar passarinhos, e como suprema prova de coragem, visitar uma casinha de ossos. Ela era enterrada pela metade no chão, e tinha apenas uma janela. Nosso desafio era abrir a janela, prender a respiração, olhar aquele amontoado de ossos por alguns segundos, e passar a vez para o próximo garoto. Moleque tem cada mania...

Mas a empreitada que nos amedrontava mesmo era roubar pombinhos à noite. Confesso que só entrei nessa uma vez, mas alguém quebrou uma telha e fez o maior barulho. Saímos em disparada morro abaixo.

Dito isso, talvez se explique um pouco porque me sinto em casa quando visito cemitérios.

Experiências com a Morte

Aos doze anos, eu morava com meu pai. Como ele era churrasqueiro, saíamos pela manhã para comprar a carne, ele preparava os churrascos à tarde, e vendíamos juntos à noite.

Naquela manhã, o sono me venceu e ele foi sozinho. Eu havia acordado tarde e estava ajudando uns colegas a reformar nosso campinho. Foi aí que chegou um parente me procurando, afobado, dizendo que precisava levar uns documentos do pai para o hospital, pois ele havia “passado mal na rua” e estava no hospital.

Busquei os documentos, e fui para a casa de minha mãe. Eles estavam separados há dois meses. Em poucos dias, chegou a notícia: minha mãe estava viúva aos trinta e dois anos.

É claro que fiquei triste, mas levei uns três meses até me dar conta que não veria mais meu pai nessa vida.

Depois de dezoito anos – quando eu já tinha trinta – minha mãe veio a falecer. Entrei em casa procurando suavizar a notícia para nossos quatro filhos pequenos: “Galera, eu tenho uma notícia pra vocês: a vovó Cacilda foi para o céu.” Nossa filha mais velha – na época com cinco anos, me repreendeu: “Pai, isso não tem graça nenhuma...”

Mas o maior de todos os desafios ainda estava por vir...

Para nossa família, o ano de 2010 foi o mais difícil que já passamos. Foi quando nossa filha caçula teve leucemia. Sem

conseguirmos um diagnóstico preciso, peregrinamos por quatro hospitais, e o resultado foi uma fatalidade.

Fizemos o que estava ao nosso alcance, segundo os recursos e o conhecimento que tínhamos na época. Tivemos o apoio irrestrito de centenas de amigos. Estou escrevendo um livro em sua homenagem, o que tem me ajudado bastante a encontrar o equilíbrio...

Um Evento, Muitos Significados

Muitos são os sentimentos de quem perde um ente querido. Alguns sentem remorso por não terem feito o que estava ao seu alcance. No meu caso, o maior desafio é saber que teremos que esperar mais do que gostaríamos para revê-la novamente.

Se por um lado o sentimento de perda nos faz sentir vontade de trocar absolutamente TUDO pela vida de quem tanto amamos, por outro a esperança bem fundamentada e o apoio dos amigos nos dão força para atravessar nosso deserto pessoal.

Criando Novas Referências

Por que fazemos com tanta frequência um juízo equivocado de pessoas, fatos e situações? Porque nossa percepção da realidade nem sempre corresponde à realidade em si.

Por exemplo, se durante uma cerimônia de casamento você presenciar a mãe da noiva chorando, qual será sua conclusão?

O que representam as lágrimas: realização ou remorso, felicidade ou alegria?

Construímos algumas de nossas crenças – e fazemos algumas escolhas – com base em referências, sejam elas herdadas por nossos pais ou por influência da sociedade na qual vivemos. Hábitos comuns numa região podem causar estranheza num outro extremo do país. Com o tempo e o convívio, nos acostumamos aos poucos com culturas e valores alternativos.

Existe uma outra classe de valores bastante específica: os dogmas. São verdades que têm como referência uma fonte – a nosso modo de ver – irrefutável. Podem chegar a nós por revelação divina ou por uma interpretação particular das Escrituras. De qualquer modo, não admitem contestação. Ao menos, pública.

Mas no íntimo de cada um, naqueles momentos de sobriedade em que fazemos a nós mesmos as perguntas mais profundas sobre a existência humana, existe sempre espaço para uma nova inserção.

Nessa busca, descobri perspectivas que orientam e fortalecem minha fé. Que nutrem minha esperança e trazem de volta o desejo de viver à altura de reencontrar aqueles entes queridos que se foram. Eis algumas delas:

1. Se a morte é o oposto da vida, uma será sempre a negação da outra. Se essa representa a beleza, aquela, a feiúra. Essa, a alegria, aquela, a tristeza. Mas ao considerar a morte como

parte integrante da vida, torna-se possível que as duas coexistam num mesmo plano.

2. Mesmo sem conhecer todos os detalhes, tenho motivos para crer que o estado de quem deixa essa vida pode ser de paz, harmonia e felicidade. Em especial quando se trata de uma criança que parte dessa vida num estado de inocência.

3. Jesus Cristo fez muito mais por nossa felicidade – no presente e no porvir – do que somos capazes de compreender nessa vida. Seja lá qual for nossa crença, num determinado momento teremos a capacidade de ver com transparência suficiente a fim de compreendermos a plenitude da verdade. Ele compreende a limitação de nossa atual perspectiva.

Minha conclusão sobre a esperança da vida após a morte faz eco às palavras de Cora Coralina, renomada escritora que publicou seu primeiro livro aos 76 anos de idade:

“Creio na solidariedade humana, na superação dos erros e angústias do presente. Aprendi que mais vale lutar do que recolher tudo fácil. Antes acreditar do que duvidar.”

Diário de Poliana, 16 de Outubro de 2008.

Hoje foi um dia bem legal porque há, há, há, há, eu faltei aula porque eu não bem eu já estava no ônibus da escola aí as minhas costas começaram a arder porque a minha mochila estava pesada o sol estava quente minhas costas

estavam ardendo porque ontem a gente foi à praia e eu me queimei aí eu comecei a chorar e eu falei ao meu irmão Arthur:

-- Me leve até a mamãe porque as minhas costas estão ardendo, por favor. Aí ele disse que sim e eu voltei e a minha mãe sempre volta com a tia Rita aí hoje quando eu e meus irmão estávamos voltando a tia Rita olhou e nos viu aí ela avisou a minha mãe aí ela nos esperou e perguntou: -- Por que vocês estão voltando do ônibus aí meu irmão Arthur disse porque vou botar fim porque eu estou deitada com a minha mãe e ela já está com muito sono ta. Fim.

Ah, não posso me esquecer de botar tchau tchau então eu vou botar isso está bem

Tchau, tchau, agora sim. Fim.

Continuo amanhã.

Ah, mas não continuo mesmo.

Fim.

Caramba, já botei 4 fins.

Fim.

56. Tocando em Frente



Com a Amiga, Irmã e Cunhada. Angra dos Reis, 12.12.11.

Com os acontecimentos descritos neste livro, nossa família foi reduzida de seis para cinco pessoas recentemente. É incrível notar quantas vezes nos lembramos disso:

- Quando viajamos de carro e ninguém fica sem cinto.
- Ao percebermos uma cadeira vazia na cozinha, durante as refeições.

- Quando viajamos de ônibus e um de nós se senta sozinho.
- Ao dividirmos a pizza em seis pedaços.
- Quando lemos um menu e nos lembramos do cardápio do hospital.

A ajuda dos amigos para superar essa fase tem sido tão providencial quanto um gol marcado na final do campeonato. Ao término do expediente, costumo puxar assunto com um amigo... Que sempre me ouve com toda a paciência.

Ao ouvir a música ‘Here Comes the Sun’, dos Beattles, e ler a respeito de sua criação, fiquei admirado como ela descreve tanto a vida da Poli quanto nosso esperado reencontro: o sol brilhando depois de um longo e intenso inverno. Após ouvi-la repetidas vezes, cheguei até a dançar sozinho. 😊

Minha esposa disse que a Poli continua tão presente quanto na época em que vivia conosco. Que agora temos um incentivo maior para vivermos à altura de chegar aonde ela já chegou...

Concordo com ela.

Minha irmã, que continua nos ajudando, leu o artigo ‘Uma Nova Perspectiva’, e comentou:

“Charles, a eminência da morte e sua concretização faz com que todos os nossos dogmas sejam jogados ao léu. Enquanto

eles flutuam, nós nos desesperamos e perdemos todas as nossas referências.

Depois desta etapa, percebemos que não podemos viver sem nossas crenças, pois elas fazem parte de nós, são verdadeiramente aquilo que nos constitui como indivíduos. Então, passamos a recolhê-las, uma a uma, no ar, como quem tenta pegar borboletas.

Às vezes dá trabalho reconstruir a própria fé. Para uns leva pouquíssimo tempo, para outros um pouco mais. Mas este momento de crise é o que fundamenta aquilo que acreditamos. É o que nos ajuda a reconhecer quem realmente somos.

Hoje eu sei no que acredito, de que maneira acredito, e porque escolho continuar acreditando.

Suzana.”

Por duas vezes, tive a alegria de sonhar com a Poli. Durante os sonhos, não conversamos, mas creio que com o passar do tempo terei esse privilégio.

Na primeira vez a vi descendo a rua, enquanto eu andava na direção contrária. Quando passamos um pelo outro, ela sorriu e continuou em frente. Virei-me para vê-la mais um pouquinho, e à medida que ela andava, meu coração se enchia de alegria. Interessante notar que todas as crianças podiam vê-la, mas apenas alguns adultos.

No segundo sonho estávamos sentados em família na hora do jantar. Eu não me cansava de olhar para seu rostinho iluminado e sorridente...

Sabíamos que nossa família estava completa. ☺

Diário de Poliana, 13 de Novembro de 2008. Quinta.

Hoje foi um dia muito legal porque não tem aula e também porque atrás da minha cama tem tipo um quartinho aí hoje de manhã eu e o Abraão meu irmão estávamos brincando aí minha mãe pensou que nós estávamos brigando aí ela mandou cada um ir para o seu quarto.

Aí eu fiquei bem triste pensando quando eu e o Abraão estávamos felizes sorrindo. ☺

Aí eu passei pela porta e vi o cantinho da cama quando vi o cantinho aí comecei a chamar (de casinha) aí eu botei muitas coisas e estas coisas são:

Campainha que é um ímã, bíblia sagrada, comida e vários biscoitos, borracha, apontador, regras de fé, muitas coisas engraçadas, hinário para cantar, um livro para escrever e desenhar muitas coisas etc, nescau para

beber, almofada para sentar. Só sabe porque só tem poucas coisas porque é pequeno mas nem tanto.

Aqui eu estou escrevendo este diário aqui sou muito feliz para fazer o que quiser, mas sou muito, muito, muito feliz.

Olha não vou botar fim ainda porque quero escrever mais está bem então já vou parar está bem sim tá bom então vou parar agora já parei tá bom tá.

Continuação de antes:

Acho que não vou conseguir, mas vou botar fim porque já está muito tarde está bem já

Fim.

57. Simplesmente Poli



Brincando na Sala. Volta Redonda, 2006.

Com o incentivo de um amigo, escrevi uma música alegre em homenagem à Poliana. O título é ‘Simplesmente Poli’ e as estrofes se relacionam às histórias contadas no livro. Eis a letra:

Quem soma as girafas e empilha elefantes
Pra descobrir se o rio é muito fundo?

Quem prepara a festa e detona o seu cofrinho
Pra fazer feliz a todo mundo?

Quem colhe uma florzinha e entrega de presente
Fazendo a caminhada mais sutil?

Quem guarda na garganta o grito e solta no chuveiro,
Só pra testar o eco que faz dentro do banheiro?

Quem ouve o pai chegando e se cobre com lençol,
E canta tão bonito que parece um rouxinol?

Simplesmente Poli, simplesmente demais
Se eu tentasse esquecer, não seria capaz!

Simplesmente Poli, canta o Norte e o Sul,
Canta a Terra inteira, e o Planeta Azul!

Quem faz uma careta que põe a galera tonta
De rir e de tentar se explicar?

Quem faz um ovo frito e fatia a calabresa
Como quem prepara um manjar?

Quem lê Toda Mafalda e ainda grava Os Três Porquinhos
Deixando o Pinóquio a esperar?

Quem nunca se importou se o neném vem da cegonha,
Mas quando quis saber perguntou logo sem vergonha?

Quem deixa em nove anos uma herança verdadeira,
Que eu levo pra gastar um pouco mais que a vida inteira?

Simplesmente Poli, simplesmente demais
Se eu tentasse esquecer, não seria capaz!

*Simplesmente Poli, canta o Norte e o Sul,
Canta a Terra inteira, e o Planeta Azul!*

Quem planta a alegria e semeia a esperança
Mesmo que a vida esteja por um fio?

Quem serve a toda gente e ensina a paciência
Contando de zero a quatro mil?

Quem pega a tinta guache e lambuza a cara toda
Só para torcer pelo Brasil?

Quem faz uma canção e a dedica pra Juju,
E adora botar leite na rapinha do angu?

Quem aproveita a vida e abraça todo dia,
Um pai que não faz mais que só chegar?

*Simplesmente Poli, simplesmente demais
Se eu tentasse esquecer, não seria capaz!*

*Simplesmente Poli, canta o Norte e o Sul,
Canta a Terra inteira, e o Planeta Azul!*

02 de Julho de 2009. Poesia. Poliana e Charlles:

As Bolinhas do Mundo

Bolinha de pêlo

Bolinha de sabão

Bolinha é a cachorra

Que mora no meu coração! ☺

Bolinha de pingue-pongue

Bolinha de borracha

Bolinha perereca

Que quando some ninguém acha! ☺

A terra é uma bola brava

A lua é uma bola mansa

Vejo bolas por toda parte

Porque ainda sou criança! ☺

Bolinha de barro

Bolinha de gude

Não sei se a poesia ficou boa

Mas eu fiz o que pude.

58. Nossa História Continua...



Campeonato de Taekwondo. Angra dos Reis, 17.07.2011

Comecei a escrever como uma forma de terapia. Além de homenagear minha filha, queria preservar as lembranças que ajudassem outras pessoas a conhecê-la também.

Após concluir o livro, percebo que nunca mais poderei ser o mesmo. Ao partilhar momentos de alegria, de dor e de gratidão, venho recebendo manifestações de amor e amizade de diversos leitores.

Percebo que nossas emoções são muito parecidas, e que as pessoas em sua maioria se importam umas com as outras. O que às vezes nos falta é uma oportunidade, ou uma maneira adequada de expressar tais sentimentos...

Numa noite fria de junho, em que planejava fazer uma revisão desse livro, nossa filha mais velha pede uma carona de bicicleta para sua aula de taekwondo. Quer que eu a acompanhe pedalando, enquanto ela corre até a academia.

Resolvo correr com ela, ao invés de pedalar. Passamos em silêncio pelo mesmo trecho em que a Poliana e eu havíamos corrido no dia em que completei 41 anos.

Ao olhar para o lado, não vejo mais uma criança, mas uma filha adolescente, sentindo-se amada por partilhar com o pai um momento a dois. Era como se a Poli estivesse me dizendo:

-- Pai, nosso tempo já passou. Foi muito bom, mas agora, é o de vocês. Aproveitem.

Continuamos em silêncio, correndo até a academia. De rabo de olho, percebo o sorriso estampado no rosto da jovem atleta. Do alto dos seus quinze anos, a Ana Paula diz um 'obrigado' que vem do fundo do coração.

Faço o caminho de volta sozinho. Venho pensando sobre a singularidade de cada dia, de cada momento que passo comigo mesmo ou em companhia daqueles a quem amo...

A vida continua.

Comentários

Ao escrever ‘Simplesmente Poliana’, um dos objetivos era confortar quem estivesse enfrentando desafios semelhantes. Muitos leitores comentaram que a leitura lhes ajudou a ampliar a perspectiva. Seleccionamos alguns deles:

Amigo Charles,

Tenho pensado e orado por vocês sempre, e tenho aprendido a controlar mais minha raiva quando se trata de filhos e procuro aproveitar mais o tempo que tenho com eles.

Sempre que chego em casa e preciso ir ao mercado comprar algo que falta meu filho fala: “Pai, deixa eu ir junto?”

E eu sempre dizia não, o pai vai rapidinho lá e já volta. Aprendi a dizer sim todas as vezes que ele quer ir junto e tem sido uma experiência fantástica, pois ele tem me ensinado coisas importantes da vida que só se aprendem com uma criança, e só ele fala, pois gosto de ouvir dizer sobre sua escola e sonhos que tem.

Abraço,

Marcelo, Curitiba – PR

Charles,

Muito obrigada pelo convite. Será um prazer acompanhar de perto o lançamento deste livro, parabéns para você e sua família que realmente soube fazer momentos de dor e saudades, se transformarem em um livro apenas de histórias engraçadas, legais e reais, realidade de qualquer criança, momentos de uma menina cheia de vida, cheia de alegria, digna da admiração de todos nós, assim como de todos vocês (pais e irmãos).

Foi uma forma saudável e sábia de lidar com a saudade, sei que nada disso seria possível sem uma religião⁶, sem união, sem consciência tranqüila de dever cumprido, saber que fez o melhor que pode que aproveitou muitas viagens muitos passeios em família, sem deixar pra depois (até parei pra rever meus conceitos de família).

Adorei a forma com que você escreve sobre a pequena Poliana, um livro escrito por um pai que é fã da filha que tem, não da filha que perdeu, isso fez a diferença, não precisou de palavras que transmitissem pena, apenas bons momentos, alegrias, você realmente transformou sua filhinha após uma curta passagem pela sua vida, em uma imortal história de felicidade.

⁶ Somos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Para saber mais, visite: <http://lds.org.br/>

Não importa quanto tempo ficamos nessa vida, o que importa é a forma e a importância que tivemos quando passamos por ela.

Então como sabe sou fã da força de vocês (família), e estarei lá para buscar meu exemplar “Simplesmente Poliana”.

Beijos.

Maiana, Angra dos Reis – RJ

Amigos,

Hoje pela manhã pensei: Já é terça-feira e preciso começar a ler o livro da Poli... Comecei há 2 horas e já terminei.

Confesso que sinto agora um pesar por não ter ‘vivenciado’ essa estrelinha como eu gostaria. Lamento também, por na época, não ter a proximidade que tenho de vocês agora, e por isso não ter dado o amor e apoio que eu seria capaz, com o que penso e sinto por vocês hoje.

Quanto a Poli... Confesso que não fiquei surpresa com toda a sua luz. Para mim, quando olho para vocês (Charles, Martha, Ana Paula, Arthur, e Abraão), vejo a mesma luz!!! E tudo que ela fazia e dizia, encaixa perfeitamente no que eu vejo em vocês. Lógico que existem formas diferentes de expressar a mesma coisa e nisso, ela era ‘danadinha’. ;-)

Ao terminar de ler, vem à mente que nenhuma outra família poderia receber a Poli nesta vida. Ela tinha que estar cercada de luz! Cada um de vocês parece ser uma peça daqueles quebra-cabeças que formam uma imagem linda. Que dá vontade fazer quadro para ficar admirando...

Hoje posso dizer que AMO e ADMIRO muito cada um de vocês (incluindo Poli que conheci melhor neste livro) e sei que o Pai Celestial abençoa muitas pessoas e famílias, através da vida e exemplo de vocês! E eu posso testificar isso, pois sou uma das abençoadas. Que a Poli era especial, eu não tenho dúvida! Afinal, a fruta não cai longe do pé!

Parabéns pelos pais e seres humanos que são. Enquanto Poli está servindo e fazendo sorrir lá do outro lado, vocês – como não poderia ser diferente – seguem conectados fazendo o mesmo por aqui!

A-M-O V-O-C-Ê-S!!!

Ana Paula Nadaletto, Angra dos Reis – RJ

Olá Charles,

Ei sumido maluco (pra não perder o costume... rs rs rs)!! Tudo bom?

Olha, confesso que me emocionei com essa novidade. Vou ser a leitora mais assídua que você vai ter. Tenho certeza que a Polian, está muito feliz e orgulhosa com esse pai escritor que está a homenageando.

Quando vier a Volta Redonda, vê se dá notícias pra gente se encontrar.

Um grande abraço a vc e patotinha e fiquem com Deus.

Kátia Rodrigues, RJ, Brasil

Amigo Charles,

Obrigada por todos os ensinamentos e exemplos que você, a Martha e as crianças nos deram e continuam nos dando.

Obrigada também por compartilhar a história da Poli conosco. É realmente uma história de amor, fé e esperança. Ela sempre estará presente em nossos corações, assim como todos vocês.

Abraços,

Nathalia e Adriano, Volta Redonda, RJ

Olá...

Muito emocionante a história de sua filha, a cada capítulo me deixou a pensar mais sobre viver a vida de forma simples e muito mais feliz.

Poli simplesmente foi um exemplo do ditado "Viva sua vida intensamente como se cada segundo fosse o último." Obrigada por compartilhar estes momentos maravilhosos, que ajudará muitas pessoas, e saiba que além de tudo, vocês, pais, foram o fundamento de cada passo na vida dela. Parabéns por serem pais magníficos!

Ana Paula Young, Utah, USA

Se os céus se cobrirem de escuridão e todos os elementos se unirem para obstruir o caminho...

... Sabe, meu filho, que todas essas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.

O Filho do Homem desceu abaixo de todas elas. És tu maior do que ele?

Portanto, persevera em teu caminho...

Teus dias são conhecidos e teus anos não serão diminuídos; portanto não temas o que o homem possa fazer, pois Deus estará contigo para todo o sempre.

Doutrina e Convênios 122:7-9